

Cr\$ 1,00 PATO MACHO N.º 14
14 A 21 DE JULHO DE 1971

ZATTI

ENFRENTA O PATO E DESCOBRE O
OBVIO:

A CULPA É DOS GRINGOS

PATO MACHO

AS MUMUNHAS DO CARRO FINANCIADO



Jefferson Barros contra
o mundo/Scliar contra
todos (é cruzeirista!)
/Tatata contra tôdas as
modas/Phileas Fogg es-
treia no PATO contra
Nixon/Jesus Cristo con-
tra a falta de leite

CONTINUA

A GRANDE PICARETAGEM UNIVERSITÁRIA

CONTINUA NO ÚLTIMO

O DUELO

O mais importante nestas reportagens que o PATO vem publicando sobre as armas do sr. Zatti e o escândalo da Universidade de Caxias não está nas reportagens e sim num fato que o PATO só não glossa porque o considera, antes de tudo, profundamente triste. Estes assuntos estavam aí, sendo cochichados, e nenhum — nem um! — jornal de Porto Alegre se animou a sequer citá-los, quanto mais aprofundar-se na matéria. Claro, estes jornais têm a desvantagem de não poderem contar nas suas vastas equipes com o Rogério Mendelski, reporter exclusivo do PATO e do "Estado de São Paulo", mas põxa! Não se tratava de caluniar ninguém. O sr. Zatti está aí do lado, defendendo-se, e muito bem. O caso de Caxias foi levantado por pessoas «de bem», para usar o terminology que eles gostam, e está fartamente documentado. Por que, então, a omissão? O pior é que nem o medo — uma desculpa calhorda, mas uma desculpa — pode ser invocado em defesa da nossa imprensa «normal». Não há implicações políticas diretas nos casos citados. Debite-se o desinteresse ao simples comodismo. Não vamos nem sugerir que estamos diante de casos de incompetência. Fiquemos no desinteresse. Abaixar a cabeça e meditar um instante sobre o tipo de imprensa que serve esta cidade. Ou não serve.

EDITORIAL

EXPEDIENTE

Editor-Chefe
José A. Pinheiro Machado

Conselho de Redação
Ruy Carlos Ostermann
Paulo Totti
José Onofre
Coi Lopes de Almeida
Cláudio Ferlauto
Luís Fernando Veríssimo
Jefferson Barros
Editor Gráfico
Cláudio Ferlauto

Equipe Gráfica
Mário Cristina Burger
Nilo Paim Soares
Augusto Portugal

Colaboradores
Carlos Nobre * Tatata Pimentel * Jefferson Barros * Josué Guimarães, Harry Sabugosa * Vanderlei Cunha * Carlos Stein, * Moacir Sciliar * Joaquim da Fonseca * Teodoro Busch * Beto Prado * Levitan * Assis Hoffmann * Odete Galvão * Augusto Portugal * Moreno & Brasil * Brazosa * Henrique Arrnhöld * Pedro Mohr * Roberto Manera * Rogério Mendelski * Maria Teresa Eli * Tânia Barros * Valva L'Arriaga * Madame Litot * Roberto Appel * Goida * Nilo Hertz * Pantaleão Teles * Paulo Edson Vignoli * Janjão e os adventícios.

Correspondentes
Itinerante no Exterior: Phileas Fogg * Do Rio: Coi Lopes de Almeida e Cota Duhá * De S. Paulo: Marcos Faerman e Viritor Vieira * De Nova Iorque: Juju Monster * De Londres: Fumaça Nardi * De Madrid: José Maria Yglesias.

Representantes
Caxias do Sul: Luis Andreolo
Coixa Postal, 284.

Diretor Responsável
Luís Fernando Veríssimo

FATOMACHO é publicado semanalmente pela GRAFITE EDITORA S.A. — Diretor
Sérgio Alves Rosa

Impresso nas Oficinas da Gráfica Gráfica Editora S/A.

Endereço: Av. Carlos Gomes, 331, em frente ao Club Inglês.



No Pato número 12, Rogério Mendelski desmascarou a falsa história da compra da coleção de armas de Arlindo Pedro Zatti, por Nelson Rockefeller, e desafiou Zatti para um debate. Agora publicamos uma entrevista exclusiva do conhecido colecionador, que se diz «engadado por americanos safados». Ele é apenas «um gaúcho bem brasileiro que quer deixar aqui sua coleção». Zatti conta também histórias de fadas, como a do seu sequestro. Entrevista a Rogério Mendelski, Roberto Manera e J. A. Pinheiro Machado. Assis Hoffmann fotografou.



Rogério — Por que o senhor quer vender a sua coleção de armas?

Zatti — Tenho capital suficiente para o resto dos meus dias. Agora, as armas, o produto da venda delas, eu dedicaria aos meus netos. O que eu quero dizer aos senhores é o seguinte: eu não fui compreendido pelo repórter do «Estado de S. Paulo», quando disse que venderia a coleção, por um valor muito menor do que eu poderia apurar. E agora, então, eu digo aqui, de público, porque está sendo gravado: eu sou um gaúcho desprendido, um gaúcho bem brasileiro, que ama nossas tradições. Nessas condições, eu proponho — não fazemos mais em propostas de Rockefeller, do americano rico, etc. — que se constitua uma comissão de pessoas capazes, pessoas conhecedoras, que possam avaliar a minha coleção. E da avaliação eu quero tão somente a metade.

Manera — Só a metade?
Zatti — Não somente a metade, porque quero doar a metade de minha coleção, para que ela fique aqui no Rio Grande do Sul. Porque aqui ela nasceu e aqui ela deve ficar. Nestas condições eu faço esta proposta. Eu quero apenas a metade, para destinar essa metade aos meus netos.

Pinheiro — E as propostas do Rockefeller?
Zatti — Quanto a proposta do Rockefeller, eu tive que acreditar nos dois americanos que estiveram aqui em casa, que realmente são o Rockefeller e pretendente. Quando me fizeram a proposta de 500 mil dólares, eu perguntei: mas são os senhores que desejam comprar a coleção? Eles tiveram certa relutância, mas acabaram por dizer que era Rockefeller. Eu acreditei, tanto foi em 1963. Neste mesmo ano, quando era governador da Guanabara, Carlos Lacerda, ele chamou ao então governador Ildo Meneghetti. O governador Meneghetti me convocou o Palácio para saber das minhas intenções de venda ou não. Nesta ocasião eu disse ao governador que não era minha intenção vender a coleção, tanto é, que não tinha feito negócio com os americanos. Mas que ele ficasse descansado, pois no momento que eu tivesse a necessidade de me desfazer da coleção, eu a oferecia ao Governo do Estado, pela metade do preço. E disse, empolgado, naquele momento, que talvez fizesse até doação integral da coleção. O governador Meneghetti me disse que ace-

taria de bom grado a metade, mas que a totalidade não era justa. E falou que eu não poderia fazer isso por que este patrimônio já não era só meu, era também da minha família.

Rogério — Em 1965, estiveram na sua casa os americanos. Certo? Bom, o senhor só ficou sabendo que essas propostas não eram reais através de «O Estado de S. Paulo» e do PATO MACHO?

Zatti — As cartas que eu recebi, estão ali e são autênticas. Mesmo porque o diretor da empresa Delta, disse que foi um representante dele que fez e que até forjou um nome. Agora o que se pode deduzir disso, é que o representante dele, bancando o saúdo, quis encaminhar o negócio na base de ganhar sozinho a comissão de venda.

Rogério — Dez por cento? A proposta era 500 mil dólares. 50 mil pra ele.

Zatti — Exatamente. Ele ganharia 50 mil dólares nessa nossa transação. Ele ficou o dono grande e o diretor da firma ficou surpreso. Mas a verdade é o seguinte: as cartas vieram, foram uma continuação de cartas. A mim não cabe culpa alguma do representante tenha bancado o saúdo.

Pinheiro — Quantas armas o senhor tem?

Zatti — A minha coleção consta de 1.500 armas.

Pinheiro — Por que o senhor começou a colecionar armas?

Zatti — Comecei a colecionar armas assim como outros iniciaram a colecionar selos, quadros e outros objetos. Eu preferi o lado das armas.

Pinheiro — O senhor tinha alguma arma, assim, inicial, por exemplo, há... qual foi o motivo que o levou a chegar à conclusão: «tá, eu vou colecionar armas»?

Zatti — O que me levou a colecionar armas, foi o meu pai. Quando eu tinha 13 anos ele me deu um revólver para minha defesa. Depois, fui adquirindo outros. No meu quarto de solteiro, eu em vez de pôr quadros e outros objetos para decorar o decorrei com armas. Até que com a idade de vinte e poucos anos, já tinha uma centena delas e me passou pela idéia organizar uma coleção de armas. E desta coleção pensei em fazer uma grande cole-

ção, uma boa coleção. Hoje, com satisfação, vejo que ela está sendo considerada, senão a melhor, pelo menos uma das melhores do mundo.

Pinheiro — Quanto dinheiro foi gasto para fazer esta coleção?

Zatti — Não tenho idéia, porque estou comprando armas há trinta anos e a moeda era diferente e mesmo porque eu me limitava a comprar toda a arma que aparecia e que eu não tivesse igual. Porque a minha coleção tem as armas todas umas diferentes das outras. Somente as pistolas de duelo é que são iguais. Assim é que sempre que eu tinha oportunidade nunca deixava de comprar armas. Fiz trocas, fiz tudo quanto foi negócio para aumentar esse meu acervo.

Pinheiro — Do que o senhor vive? Qual a sua profissão?

Zatti — Eu já trabalhei em muitas profissões. Quer dizer, iniciei a minha vida, como balconista. Depois, com 17 anos, me estabaleci por conta própria. Sempre me dediquei ao comércio.

Rogério — Me diga uma coisa: a metade de coleção o senhor vai doar só se ela ficar no Rio Grande do Sul? E se for para outro Estado?

Zatti — Ah, somente se ela ficar no Rio Grande do Sul. De outra forma não. Faço doação da metade, para que ela fique aqui no Rio Grande. Essas armas não vieram assim como os senhores estão vendendo, em perfeito estado. Vieram usadas, faltando peças e tudo isso foi consertado por mim.

Levei 50 anos para formar a coleção e conseguir deixar as armas assim. Por isso é natural que eu tenha amor à coleção.

Rogério — Nós queremos esclarecer o caso — Zatti. O representante o senhor grande que o senhor falou antes, é americano? Porque o sr. H. de Moura, diretor da Delta disse que as cartas foram escritas o Rio de Janeiro. O sr. recebeu as cartas-propostas do Rio de Janeiro?

PATO X ZATTI



Zatti — Não, não, absolutamente. Viam dos Estados Unidos e eu respondi para os Estados Unidos. E isso é uma coisa que me causa estranheza. Como é que se compreende isso? A não ser que o representante tivesse alguém lá que recebesse a correspondência e mandasse. Outra particularidade que deve ser esclarecida é o seguinte: a firma do sr. H. de Moura diz que deixou de operar. Ele não diz que foi extinta. Deixa de operar é a mesma coisa que o camarada que deixa de trabalhar mas que não morre. Quer dizer, deixou de operar, entrou em liquidação, ou simplesmente suspendeu os negócios porque não lhe convém mais, mas a firma continua.

Rogério — Ela foi extinta por que nem no guia telefônico de Houston, ela consta.

Manera — O senhor acha que o H. de Moura por omissão, portanto irresponsabilidade, é responsável, pelo fato de um outro tentar empulhar o senhor através da firma dele. Acobertado pela razão social dele?

Zatti — Se é ele tem alguma responsabilidade nessa correspondência?

Manera — Claro.

Zatti — Ele... olha juridicamente não sei como é que poderia, né? O que ele disse é que iria tomar providências para responsabilizar este sujeito. Se éle tomou estas medidas eu não tenho conhecimento, mesmo porque desde o momento que eu tinha realizado o negócio com Caxias do Sul, eu ofiziei de novo me desobrigando de qualquer negócio.

Rogério — Olha, isso é verdade.

Zatti — Tanto que eu posso mostrar os officios para vocês encerrando os negócios. Dali em diante não tomei mais conhecimento.

Rogério — Até ali o senhor acredita que o negócio fosse honesto?

Zatti — O negócio com a Delta, eu não tenho dúvida nenhuma que realmente existia e existe o comprador?

Rogério — Quem seria o comprador?

Zatti — O que se passou foi isso. É que o representante queria ganhar a comissão sozinho. Isso eu não tenho dúvida. Isso está mais do que claro. Nessas condições ele encançou o negócio. Nunca julgando que...

Rogério — O caso pudesse estourar pelos jornais.

Zatti — E, é. Agora as cartas estão af e o próprio diretor é quem afirma que elas foram forjadas pelo seu representante no Rio. Quer dizer que o negócio foi assim.

Pinheiro — A quem o senhor enderecava as cartas?

Zatti — Endereçava a H. de Moura.

Pinheiro — Quando o diretor da Delta lhe disse que iria responsabilizar o autor das cartas?

Zatti — Ele não não disse para mim. Quem disse foi o jornal. Só sei dessa coisa toda por intermédio do "Estado de S. Paulo". Foi por ali que eu estou me baseando. "O Estado de S. Paulo" diz que o diretor disse que a firma deixou de operar. A correspondência está aqui Tudo timbrado. Uma professora de Inglês me traduziu tudo, porque eu não entendo.

Pinheiro — Como é que eles poderiam fazer uma proposta de preço, de dinheiro, sem conhecer sua coleção?

Zatti — Bom, eu mandei uma série de fotografias 18 por 24 e revistas. As fotografias foram tiradas com essas máquinas que spanham tudo.

Rogério — Com lente grande angular?

Manera — Isso.

Zatti — Na proposta está condicionada a vinda deles aqui para conhecer as armas. Eles fazem a oferta mas querem ver as armas. Veja aqui esta notícia do "Correio do Povo" do dia 2 de julho. Um colecionador libanês pagou 418.000 dólares, por uma escrivinha francesa do século 18. É mais do que eu pago pelas armas.

Rogério — Quer dizer que sua coleção vale menos que uma escrivinha francesa do século 18?

Zatti — É, a minha coleção tá valendo menos.

Manera — Talvez até menos que um prato de porcelana chinesa.

Zatti — E li também há poucos dias, também no Correio do Povo, que um quadro atingiu a soma de doze milhões. Não é de admirar que a minha coleção possa valer mais. Eu digo mais: a minha coleção oferecida para Caxias por um milhão e duzentos mil cruzeiros, isto era uma verdadeira presente. Eu fiz mais uma proposta: se os senhores encontrarem uma pessoa que se sinta capaz de fazer uma coleção como a minha por três milhões — digo mais, quatro milhões, ou por outra, cinco milhões — se alguém se sentir capaz disso, eu dou a minha de presente. Dou a minha de presente! Portanto não é de admirar que eu tenha recebido propostas de dois milhões e setecentos mil cruzeiros. Os americanos estavam fazendo um bom negócio comprando a minha coleção.

Rogério — Os jornais da época noticiaram que seria Nelson Rockefeller o interessado, o que não é verdade.

Zatti — Noticiaram. Eu acredito que estes emissários falaram alguma coisa lá no Rio, porque do contrário qual seria a razão do governador Lacerda, oficial ao governador Meneghetti do perigo que esta coleção corria de ir embora do país?

Manera — Quer dizer que o Lacerda seria o intermediário de mais um negócio com os americanos?

Zatti — Olha eu acredito que eles eram mesmo do Rockefeller, pois os fatos se ligam de tal forma que a gente cre. Olha eu sempre disse isso, porque foram eles que me disseram.

Manera — Mas o Rogério já provou no Pato Macho e no Estadão que esta conversa é mentira.

Pinheiro — E o negócio aquele dos terroristas?

Zatti — Pois é, isso é outra coisa que vocês não acreditam. Bem mas antes disso eu quero esclarecer outra coisa. O Pato Macho sublinhou na notícia dele, que eu poderia ter recebido uma porção de armas das Forças Armadas. Eu lanço agora um desafio ao Pato Macho de que se éle me provar que eu recebi uma arma apenas das Forças Armadas, eu faço doação integral da minha coleção.

Pinheiro — Esse desafio deve ser feito então ao comando do III Exército que é o autor do officio.

Zatti — Ah! Houve uma má interpretação dos senhores no texto. Vamos ler o officio aqui. Olha aqui diz que eu tenho que devolvê-las se vender a coleção. Mas isso é uma hipótese porque eu não tenho armas das Forças Armadas.

Rogério — Então não há problema algum.

Zatti — Se me provarem, eu dou a minha coleção.

Rogério — E aquela metralhadora Madsen?

Zatti — A metralhadora Madsen, é uma metralhadora que sofreu um incêndio. Não funciona. A única arma que me foi ofertada

de mas não veio ainda, era uma metralhadora INA. O coronel do depósito de armas me disse que iria conseguir uma esmagada para mim. Mas até hoje não veio.

Rogério — Vamos cobrar do coronel essa arma, então.

Manera — Me diga uma coisa, seu Zatti, este exemplar Pato Macho que publicou a denúncia vai para o seu álbum de jornais?

Zatti — Vai. Tem que ir. Eu boto tudo no álbum.

Pinheiro — Eu quero lhe dizer que a gente fica satisfeito em estar aqui, porque nós procuramos colocar o problema claro. Nosso interesse não é desfazer a sua coleção. Quando eu e o Rogério estivemos na televisão fizemos questão de ressaltar que a sua coleção era muito valiosa.

Zatti — Não tenho dúvida que eu tenho a maior satisfação em recebê-la. Eu devo grande parte da projeção da minha coleção à promoção da imprensa. O pessoal da Manchete e outras revistas, se admira como é que eu deixo fazer reportagens simples e completas sem cobrar nada. Sem cobrar nada, nunca cobrei nada de nenhuma reportagem.

Rogério — A Manchete sempre procurando vender coisas.

Zatti — A Manchete me pediu se eu podia conseguir um colecionador de cachimbos. Eles tinham interesse em fazer uma reportagem.

Rogério — Olha eu conheço um: o padre Sérgio Leonardelli, aquele do escândalo de Fundação Ford, na Universidade de Caxias.

Zatti — Mas eu descobri um colecionador. Eu não vou citar o nome, mas esse colecionador de cachimbo cobrou da Manchete para deixar publicar a reportagem.

Rogério — E a Manchete deve ter vendido a reportagem para um fabricante de fumo.

Zatti — Eram cento e poucos cachimbos. Eu com minhas 1.500 armas nunca cobrei nada. Nem tampouco de visitantes. Recebi presidentes, vices, generais, brigadeiros, almirantes, até o dom Vicente Scherer.

Rogério — E éle não gosta muito de armas.

Pinheiro — O senhor recebe visitas de muitas pessoas aqui durante o dia?

Zatti — Diariamente. São centenas de pessoas. Com esse do Guia Telefônico e do Guia Azul, que eu apereço como atração turística, então, tem aparecido muita gente.

Rogério — Quanto lhe cobraram para pôr o seu nome de atração turística.

Zatti — Não fui nem consultado.

Rogério — E colocaram o seu nome aí?

Zatti — Colocaram. E os senhores agora também me encheram a casa de gente, com a reportagem do Pato Macho. Sempre que sai notícia a casa fica cheia.

Manera — O Pato trouxe mais gente então?

Pinheiro — Olha, então na próxima semana vem mais gente ainda.

Rogério — É verdade que o senhor dá revólveres de presente para jornalistas?

Zatti — Pra Jornalistas? Não.

Rogério — O senhor nunca deu presente pra jornalista então?

Zatti — Deu, numa ocasião, porque a reportagem que um jornalista fez estava muito boa. De modo que eu dei, não pelo fato da reportagem. É que éle era um rapaz muito simpático, e que na ocasião me disse que volte a mais no seu trabalho andava aí por estas malocas e preclava de uma arma.

Rogério — Quem é éle, seu Zatti?

Zatti — Assim como eu dei para o jornalista, eu dei para os meus amigos também. Principalmente porque quando eu compro coleções sempre vem duplicatas. E eu tenho então dúzias e dúzias de revólveres aí para dar para os amigos.

Pinheiro — E a minha pergunta dos terroristas?

Zatti — Bem o que aconteceu é que um jornalista não acreditou nada no que eu disse: Entretanto tá a reportagem de Zero Hora, da Manchete. Eu até vou dizer que eu iria comprovar isso, buscando as despesas que eu tive na segunda tentativa de seqüestro, quando quebrei o meu carro na fuga dos terroristas. Na primeira vez éles embalarom o carro comigo, e me pediram que eu passasse. Eu estava desarmado e procurei fugir. Quando engatei uma segunda no meu carro éles atiraram. O negócio é o seguinte, a bala — eu imagino — passou pelas janelas, porque não fui atingido. Para o pessoal acreditar, acho que eu precisaria ser atingido. Depois que eu estava correndo, ouvi outro estampido mas não atingiu o carro. Uma semana depois, no mesmo lugar, ouvi uma buzina. Pelo espelho reconheci o mesmo carro da semana passada. Era um Simca.

Pinheiro — E o seu?

Zatti — É um Simca também. Mas o meu está preparado para corrida.

Manera — Preparado para fugas.

Zatti — Mas eu não sou piloto de corridas não. Acontece que nessa segunda vez eu imprimi maior velocidade, no carro. Quando quis entrar na rua Mariland, para me abrigar no Hospital Militar não consegui manobrar, e bati com o auto no cordão da calçada.

Manera — Alguém lhe socorreu?

Zatti — Nessa ocasião muita gente ajudou. Dois carros pararam, uns rapazes que estavam numa esquina me ajudaram, e o carro dos terroristas vendo aquela gente foi embora.

Manera — Deu para o senhor ver o tipo de arma que os tipos tinham quando lhe atiraram?

Zatti — Devia ser um revólver. Era niquelado, 38 ou 44. Era grande.

Pinheiro — O sr. gosta do Pato Macho?

Zatti — Muito interessante o jornal de vocês.

Pinheiro — Vamos lhe mandar um exemplar na próxima semana.

Zatti — Manda mais do que um. Acho que eu mereço uma meia dúzia. Agora eu vou fazer um apêlo aos senhores. Vamos conjugar esforços para que essa coleção fique aqui no Rio Grande do Sul, pela metade do preço.

Rogério — Se o Pato Macho vender a sua coleção, o sr. dá uma comissãozinha pra nós?

Zatti — Dou. Dou uns revólveres pra vocês.

Manera — Mas não dá para o sr. fazer um museu particular e se cobrar entrada?

Zatti — Não. Eu não tenho mais idade para isso.

Manera — Mas o sr. entregaria para um museólogo...

Zatti — Não, eu não posso mais. Vou completar agora 64 anos e quero poder tomar o meu cafézinho e me recolher. Quero ler os jornais dos senhores.



BRIGUE POR ELA.
Jefferson Barros

NÃO DEIXE
ESTA TERRA
POLUIR.



1

O supermercado mais incrivelmente do mundo é a França. Mas não está vendendo nada do que você pensa. Sartre já era. Nanterre, Godard, Cohen Bendit nunca foram. A França exporta mesmo são tanques anti-aeroplanos, carros de combate contra tumultos, foguetes leves, mísseis táticos, Mirage e outros bagulhos. Ao contrário dos Estados Unidos e da URSS, que só vendem armas superadas para os amigos, a França vende a melhor tecnologia militar que existe. Para quem quiser comprar. E pagar bem. 14 das divisas francesas vêm de exportação de armas. Agora o detalhe: elas não vendem para quem já está em guerra, só para os que estão preparando a sua. Você que se acha o cara mais criativo da sala pode um anúncio para ajudar Pompidou vender seus bagulhos fumegantes. O autor do melhor anúncio ganha um estágio não remunerado na agência de propaganda do Pato.

2

Os Panteras negras são direitista. E vivem em Israel. Você pensa que lá é um novo paraíso terrestre e que Moshe Dayan é o seu Messias, mas está caju total de Oriente Médio. Apesar de Israel ser uma experiência social de laboratório, nascida sem compromissos com estruturas tradicionais, lá existem contradições. E graves. Os Panteras negras são marginais, isto é, judeus vindos da África do norte — os donos de Israel são judeus ocidentais. Vivem em guetos — como o Harlem — trabalham (ao contrário da maioria dos negros americanos) mas vivem em condições subumanas. Eles querem as terras do Sinai; mas o Estado de Israel — por contensão política, é claro — não quer ocupá-las completamente, tão de imediato. Então a revolta. E o nome: Panteras Negras, que é um grande golpe publicitário.

3

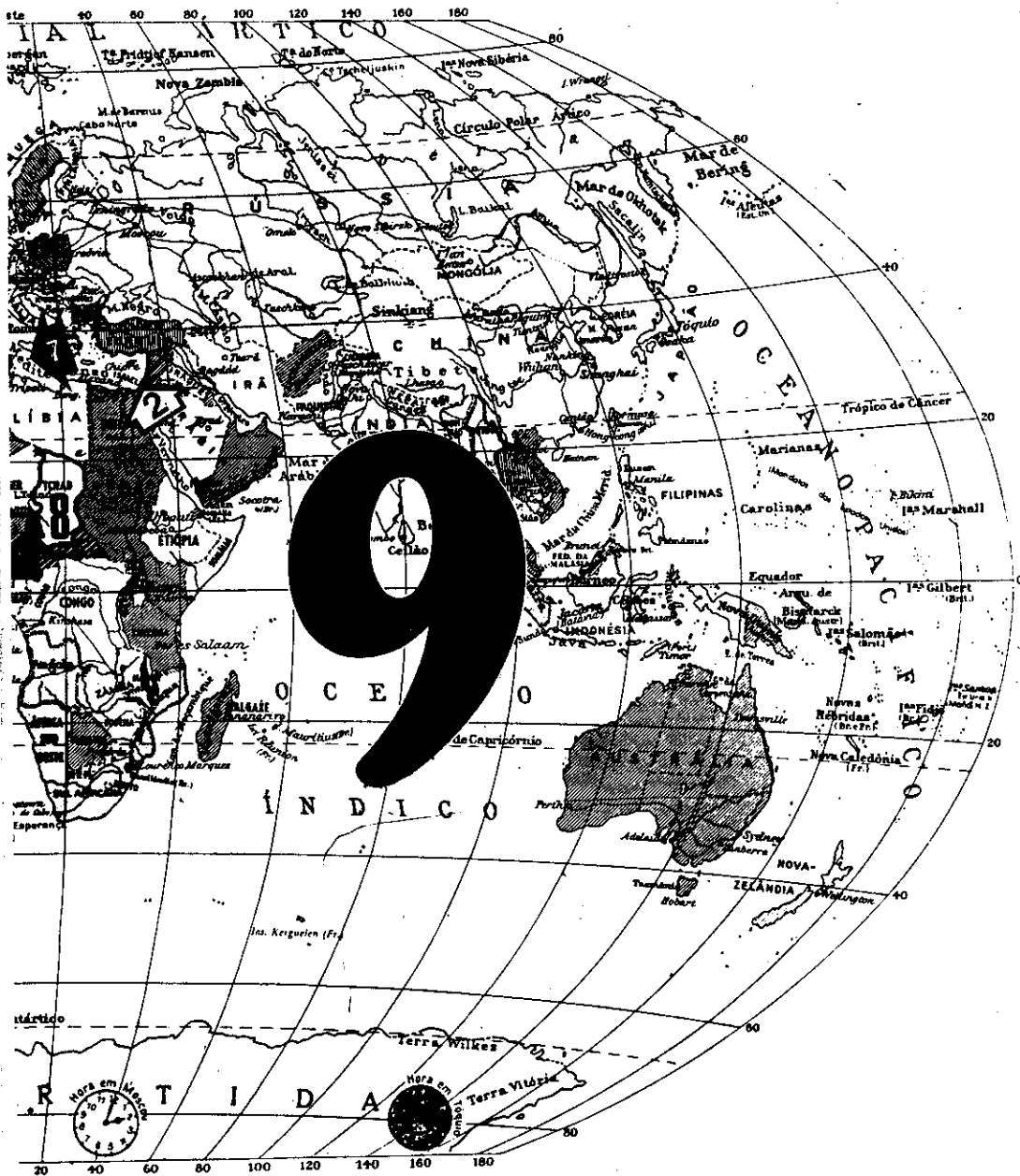
O general Lanuse é original: vai realizar eleições na Argentina. Jorge Paladino é mais original ainda: diz que o candidato natural é Juan Peron. Os eleitores argentinos talvez sejam ainda mais criativos e escolham Peron. Mostre você a sua originalidade: bole uma sonoplastia para a novela, platina. Você pode até ganhar uma oportunidade na radiolândia local (não vale Francisco Canaro).

4

16% da turminha jovem (entre 18 e 21) dos Estados Unidos está numa de boko moko. Eles escolheram os republicanos. Os ingênuos são 42%. Responderam que são democratas e votariam em Ted Kennedy. 32% é como o Pato: independente. Entre estes se deve contar 10% de radicais, mas isto a Gallup não conta. Em 72, estes 11.000.000 de americanos vão votar. 3/4 dos Estados da União já ratificou a 26ª emenda à Constituição dando direito de voto aos maiores de 18 anos. Um dia depois, Nixon falou e disse que a América está no auge que antecedeu Roma. Culpou os jovens. O que prova que, pelo menos em história, as informações do Dick não passam de revista Selecções. Você joga com o PR ou com o PD? O grupinho bravo da contestação fica preso na coluna do meio.

5

A imprensa cafona — isto é, o resto — está na pista do pai do filho de Bernardette Devlin. Ela está grávida, não vai abortar, nem comprometer ninguém. Já aplaudi a menina; volto a aplaudir. E há muitas razões ocultas para esta focagem toda. A moça é irlandesa, católica e socialista. Isto é: um perigo. Quer uma república dos trabalhadores na Irlanda e senta seus 23 anos e sua gravidez no parlamento Westminister. Em tempo: na Irlanda não existe só um conflito de religião; os católicos formam uma minoria explorada que perdeu suas terras e seus direitos com a invasão saxônica no século XVII. Se há país com problema de estrutura feudal é a Irlanda. E os donos das terras são todos protestantes. Entendeu? Então mande seu curriculum vitae para se candidatar a pai do filho de Bernardette. O vencedor disputará comigo o privilégio.



6

Guerra do futebol. Sacou? No bestialógico da imprensa isto queria dizer um conflito militar entre El Salvador e Honduras. Explodiu em 1969. E foi logo abafado, mas não acabou. Esta guerra não tem nada a ver com futebol. O campo da briga é outro. El Salvador é o país mais densamente povoado da América Central e Honduras o menos. A oligarquia de El Salvador já não podia conter a convulsão social em suas terras e olhou as terras disponíveis nas mãos da oligarquia de Honduras. Solução: avançar sobre o que é dos outros. Dizem que a CIA estava por trás de El Salvador para impedir uma revolução que poderia entornar qualquer coisa na América Central. Quem diz é a Universidade Nacional Autónoma de Honduras. Pesquiso-se você mesmo. Você pode não chegar a conclusão alguma mas vai despendendo uma besteira: «guerra do futebol».

7

Don Mintoff ganhou as eleições em Malta e tocou a Nato a correr de ilha. Logo, logo desembarcou por lá o embaixador soviético em Londres, Mikhail Smirnovski. Os soviéticos estão tentando uma expansão naval no Mediterrâneo e o homem dá-las em Londres foi var se ganhava o que Nato perdeu. Malta é fundamental. Dizem que se a Alemanha nazista tivesse Malta, Rommel não sairia da África do norte, nem Patton poderia bater em soldado na Sicília — bater éle podia, mas não na Sicília. Por outro lado Malta está relacionada com a jogada 9 desta mesa. Pense nisto tudo e escolhi uma destas soluções: A turninha da Nato vai voltar Malta é uma ficção Malta é somente um posto do famoso «Um Observador» — Vão fabricar foices e martelos com Malta Malta vai ficar muito na sua Malta vai afundar no péso das preocupações

8

O Tchad é o Vietnã francês, mas isto Le Monde não conta. A legião estrangeira — aquele onde serviram Ray Milland e Gary Cooper — está lá, agora com novo nome: 2e REP (regimento estrangeiro de páraquedistas, para os virgíniais). O Tchad é uma nação autónoma desde 1961; na realidade é um protetorado francês. O presidente François Tombalbaye já foi reeleito duas vezes e a Front de Libération Nationale Tchadien o combata desde 1965. O país é espinha e deserto. As guerrilhas se instalaram no norte, entre as tribos muçulmanas. Renda per capita: 100 cruzeiros anuais. Fort Lamy é a capital e fica próximo de um lago. E a França já enterrou milhões lá. Invente um slogan para promover o turismo no Tchad. O melhor será publicado gratuitamente no Pato.

9

Para Vasco da Gama éle era o mar das Índias. Depois, Índico. Hoje, sino-soviético. Na sua margem africana a coisa está branqueando: a França propôs uma aliança com o regime racista da África do Sul e ainda com proteu três países africanos com esta jogada: Costa do Marfim, Malgaxe e Malawi. Mais ao norte — na entrada do mar Vermelho — na Eritreia, a FLE luta contra o governo pró-occidental da Etiópia com armas soviéticas e com apoio explícito da URSS. Na pe-

nínsula arábica há pelo menos três focos guerrilheiros apoiados pelo China. No Ceilão, os russos ganharam a promessa de uma base naval. E outra na Índia. A única frota naval soviética em operação permanente fora dos mares da URSS está no Índico. Presença ocidental garantida mesmo é só a Nova Zelândia, Austrália e os governos racistas e minoritários da Rodésia e África do Sul. Moçambique — colônia portuguesa — está com sua crise interna contida, mas ainda com potencial. A entrada da França (veja 1) — numa jogada da qual a Inglaterra está saindo e os Estados Unidos não podem entrar — não deve causar surpresas. É sua ambição e sua vaidade de grande potência e sua necessidade econômica que a compõem a uma aventura num mar onde o conflito sino-soviético pode explodir com gravidade. Esta é a parte mais quente do jogo: bole um plano para você também participar da grande competição do Índico. Jogo nesta década vai ser lá. O resto é bordado.

NOVA YORK — Conheci Daniel Ellsberg quando ele trabalhava para o Serviço de Inteligência dos Estados Unidos no Vietnã e eu prestava idênticos serviços ao governo do Paquistão. Muito embora bebêssemos na mesma espelunca e disputássemos as mesmas escassas mulheres, jamais trocamos qualquer confiança de ordem funcional que lesasse os segredos americanos ou paquistaneses. Mas tínhamos uma coisa em comum: o ódio inconfundível contra aquela guerrinha suja e inexplicável.

Encontro agora Daniel em Boston, momentos após deixar o Tribunal Federal que o inquiriu, e

tive logo a impressão de que os anos foram implacáveis para comigo e generosos demais para com ele. A muito custo consegui chegar junto a ele, pois que uma multidão disputava o herói com gritos alucinados contra a guerra e brados em favor da paz.

Finalmente nos livramos da multidão, dos repórteres locais e internacionais, chegando à casa de um velho amigo de Daniel. De roldão seguiu conosco o senador democrata, pelo Alasca, Mike Gravel. De início tivemos alguns minutos de recordações e de preparo do uísque escocês. E a coisa acabou logo diante das minhas respostas a Daniel. Todos os nos-

sos amigos comuns do Vietnã haviam morrido, gente na flor dos anos, que chegara lá pensando na vida futura e logo a seguir entrava numa fossa danada, ante aquela parede de mortes e misérias. Eu disse a Daniel:

— E enquanto eles morriam, aqui nos Estados Unidos as altas autoridades atolavam ainda mais o país na guerra. E a opinião pública de fora, manobrada pela cortina de silêncio.

O senador Gravel me bateu no ombro e, com os olhos úmidos, declarou:

— Era assim, era assim. Hoje, se Deus quiser, a coisa começará a mudar e o «establishment» não

terá forças para evitar a sua desmoralização.

Bem, a reunião entrou noite adentro. Gravel se despediu e voltou para Washington. A mulher de Daniel foi deitar-se, pois estava esgotada. Ficamos nós os dois. Então resolvi entrevistar de verdade ao velho amigo, hoje com seu nome jogado às manchetes de todo o mundo.

O que ele disse está aí adiante. Procurei interferir pouco, preferindo assumir a atitude do repórter foca que se limita a dar um piparote no assunto sempre que sentir que a coisa começa a aguar. Pois Daniel Ellsberg falou, está falado.

AFINAL, ABRIMOS OS COFRES DO PENTÁGONO!

Phileas Fogg



P. F. — Como você conseguiu os documentos secretos?

D. E. — Fui um dos autores dos tais documentos quando trabalhava no Pentágono, como funcionário civil. Acusam-me de ter desrespeitado as normas de segurança e segredo, bem como os procedimentos de informação do Departamento de Defesa. Mas eu me considero, em primeiro lugar, um cidadão norte-americano responsável e não poderia continuar privando o público dessas informações. Se divulguei os documentos foi porque julguei de meu dever.

P. F. — Antes disso você não havia feito nenhuma tentativa para divulgar esses segredos?

D. E. — No outono de 1969 assumi a responsabilidade de passar ao presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado, senador William Fulbright, as informações contidas nos documentos do Pentágono, inclusive vários estudos sobre negociações, os quais nunca haviam chegado ao conhecimento da imprensa. Naquela ocasião tais estudos eram acessíveis apenas a mim e alguns poucos funcionários. Na última Primavera, depois das invasões do Laos e do Camboja e depois que mais de 9 mil norte-americanos e centenas de milhares de indochineses haviam morrido, lamentei não ter levado antes as informa-

ções ao conhecimento da imprensa e do público norte-americano. Foi, então, o que fiz.

P. F. — Quando no Pentágono, você já era contra a guerra do Vietnã?

D. E. — De início não. Conhecia pouco do submundo das informações e, como tantos jovens, me deixava levar pela propaganda belicista do governo, através de «slogans» e frases bem manipuladas, de mistura sempre com a «segurança nacional» (oh, quantos crimes se praticam em seu nome), patriotismo, moral e quejandos.

Passé a freqüentar os documentos sobre a matéria e desde então a minha opinião começou a sofrer sérios impactos. Bem, você lerá o que os jornais vão publicar e depois me dirá se a coisa não é de causar náuseas a um marinheiro.

P. F. — É a tese de sempre maior poder ao Presidente. Ele e seus assessores sabem de tudo, decidem o que acharem melhor e a nação inteira baixa a cabeça para trabalhar e dar graças aos céus por ter governantes tão sábios. Ou estou errado?

D. E. — Não, está certo. Nunca na história americana um presidente reuniu tantos poderes quanto o atual. A invenção das armas atômicas e dos mísseis balísticos intercontinentais deixou uma coisa bem clara: o país pode ser mortalmente ferido antes de se conseguir sequer convocar o Congresso. Daí sabermos que o equilíbrio do poder decisivo no campo político externo, passou do Congresso para a Casa Branca.

P. F. — Você não acha que a publicação desses documentos pode afetar a segurança nacional?

D. E. — Deixe disso, meu caro. Não vivemos numa república onde esta é a chave que explica todas as opressões. Muito mais sério para os Estados Unidos, nesta hora, é a divisão interna de seu povo com relação à guerra, uma guerra da qual participa diretamente e sobre a qual não lhe contaram, ainda, a verdade. Todo o povo ferve de desconfiança e não apenas do governo, mas da imprensa também que, embora vivendo em liberdade, não divulga o que devia divulgar para seus leitores.

P. F. — Como você classifica os documentos que entregou ao NYT?

D. E. — Não são meramente documentos que possam causar dano irreparável ao governo ou à defesa da nação, mas um sistema de segredo, de sigilo, de dúvidas presidenciais, de assessoria-

mentos de cidadão sobre os quais não devemos ter dúvidas. Tudo isso reunido — e este é o caso — pode realmente causar dano irreparável aos Estados Unidos, mas se não metermos o dedo na ferida ou não espremermos esse infecto furúnculo.

P. F. — Em tudo isso o Pentágono...

D. E. — O Pentágono começou com a necessidade de optar entre o apoio ao colonialismo francês ou ao socialismo de Ho Chi Minh. Pois os nossos super-homens optaram pelos franceses. E que resultou disso tudo, meu caro? A maior democracia representativa que o mundo já conheceu, a pátria de Jefferson e Lincoln, viu seu nariz estregado no pântano por pequenos caciques guerreiros, generais sul-vietnamitas invejosos, traficantes do mercado negro e de drogas em grande escala. É como disse o senador Gravel: «Precisamos com urgência de medidas capazes de deter a matança no Vietnã».

P. F. — Há algum detalhe sobre o relatório McNamara que você julgue da maior gravidade?

D. E. — Há. Os documentos secretos nos revelam que os altos círculos governamentais falaram em empregar armas atômicas no Vietnã se o decorrer da guerra provocasse maior participação da China. O então embaixador americano em Saigon, sr. Cabot Lodge, declarou que o então secretário de Estado Dean Rusk dissera ao Presidente Nguyen Khanh «que lutar contra os chineses com armas convencionais significaria derrota certa». Ai está, meu caro, o tisco que todos corremos desde que as decisões possam ser tomadas a portas fechadas, longe da imprensa e do público em geral. Acordaremos um dia com o estilhaçamento atômico, decidido pelos senhores absolutos dos nossos destinos. Sabe, às vezes, penso que o homem tentará sempre impor o seu jeito medieval às coisas de governo.

P. F. — Você não acha que pode terminar seus dias na cadeia?

D. E. — Entreguei os documentos sabendo perfeitamente os riscos que corria e estou preparado para responder pelas consequências dessa decisão. Sei que isto terá consequências pessoais para mim e minha família. Mas quem não irá satisfeito para a cadeia, depois de ter contribuído para pôr fim a essa guerra?

X X X

Quando eu já me encontrava no aeroporto John Kennedy para regressar à Europa, fui chamado pelos altos falantes para atender o telefone. Era Jerry W. Friedheim, porta-voz do Pentágono:

— Phileas, faça o favor de atender o telefone. É o presidente Nixon que quer lhe falar.

Reconheci a voz de Nixon, mas notei que estava perturbado:

— Phileas, estou informado que você fez uma entrevista com esse traidor do Ellsberg. Para quem vai vender o trabalho?

— Tranqüilize-se, meu caro presidente, não consegui desperdar o interesse nem do «New York Times», nem do «Washington Post» nem mesmo do interesseiro «Boston Globe», um jornal mal traduzido, como vê pelo nome. Todos eles estão muito mais interessados no próprio relatório McNamara do que nas declarações desse mico.

— Quer dizer que não venderá a entrevista para nenhum jornal?

— Bem, para nenhum jornal seria força de expressão. Venderei para o Pato Macho.

Ouvi um ruído no fone, a voz de Jerry gritando por um copo d'água, Nixon engolando palavras sem nexo. E mais não fiquei sabendo, pois uma voz cavernosa reboou no saguão, chamando os passageiros para embarque.

LF Veríssimo

A BÍBLIA REVISITADA - V A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES



ÉLE MANDA DIZER
QUE LEITE
NEM POR MILAGRE



ÉLE É UM PACTO
CABELEIREIRO
CHAMADO
RONI!

MAS QUANDO
OS FRESCOS E
DEPRIMIDOS SE
SENTEM AMEAÇADOS
DESPE-SE
LIGEIRITO E SE
TRANSFORMA
EM
EM
EM...



**COME
HERE**

SAIBA RESPONDER A ALTURA I.
COMUNIQUE-SE COM O MUNDO,
FIQUE POR DENTRO FALANDO INGLÊS.

TURNOS. MANHÃ, TARDE E NOITE.



INELI II

instituto eletrônico de línguas
Rua Professor Annes Dias, 112 8º, 9º, 10º andares.

Fones 25 85 68-25 85 69

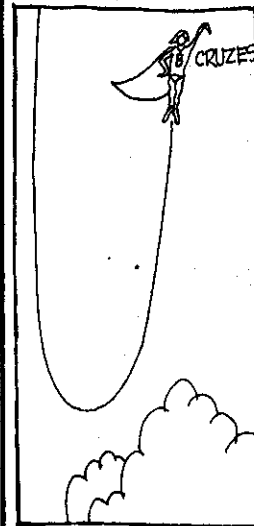


**SUPER
BICHA!**

É UM BEIJAFLOR!

É UMA SÚLFIDE!

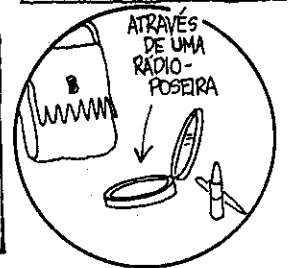
É UMA ESTRELA CADENTE!



CRUZES!



RECEBE ORDENS DA
F.L.O.R., FORÇA DE LI-
BÉLULAS ORGANIZADAS
PARA REINAR



ATRAVÉS
DE UMA
RADIO-
POSEIRA



SIM,
GURIAS

MALFEITORES,
QUERIDA.
FAZENDO
O MAL.
APURA!

E DE TODOS OS SEUS SUPER-PODERES,
NENHUM É TÃO TEMIDO QUANTO...



NÃO!



A SUPER
DESMUNHECADA!

CONTINUA NO PRÓXIMO

rachel

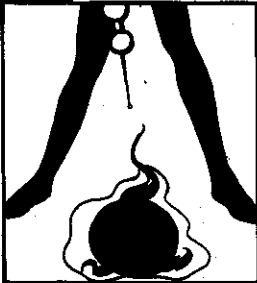
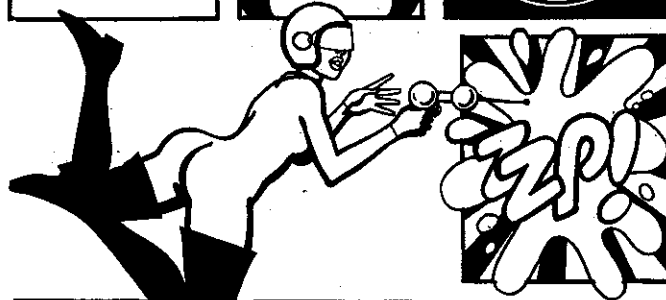
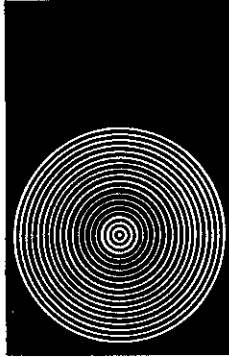
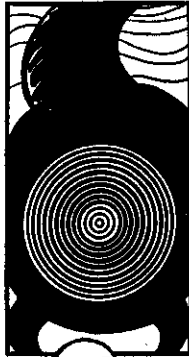
A MULHER 3001



CAPÍTULO
3



RACHEL NÃO SE APEROECHE QUE SOBRE A SUA CABEÇA, HÁ UMA AMEAÇA TERRIVELMENTE TRAIÇOERA...



"AGORA EU COMPREENDO, NA REALIDADE, OS CAÇADORES QUE ME ANTECEDERAM, NÃO FORAM MORTOS PELOS X-X, E SIM POR PARASITAS QUE ALOJADOS NO AÚTO DE SUAS CABEÇAS (DOS X-X) ATINGIAM COM FERROS O SISTEMA NERVOSO - MUITO SENSÍVEL-INDUZINDO-OS A ATACAR OUTROS ANIMAIS OU PESSOAS - QUE EM SEGUIDA ERAM DEVORADAS PELOS PARASITAS GARNIVORAS."



ALÔ, TERRA! ALÔ ZOO! PROVIDENCIEM TELE-TRANSPORTE PARA O X-X. CAÇADO. CÂMBIO!



ZOO-RELATÓRIO: UM X-X AGABA DE SER CAÇADO, DEPOIS DE 3 TENTATIVAS, DE QUAL RESULTARAM MORTOS 3 DOS NOSSOS MELHORES CAÇADORES.

1 PARASITA 2 SISTEMA NERVOSO 3 FERROS 4 CÉREBRO X-X



UMA LÁGRIMA ROLA NAS FACES DE RACHEL, AO VER O X-X DISTANCIAR-SE DE SEU PLANETA NATAL...



MAS ISTO SERÁ COMPENSADO PELA ALEGRIA DE MILHARES DE CRIANÇAS QUE VISITARAM O ZOO ATIRADAS PELO NOVO HABITANTE.



E... ALEGRIA MINHA TAMBÉM!

END

Moacir SOLLAR

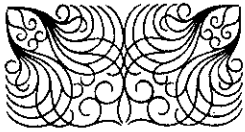
Sabendo-se que nos últimos anos da década de 40 o Esporte Clube Cruzeiro disputou com o clube chamado Fôrça e Luz a última colocação no campeonato da cidade; sabendo-se que este Fôrça e Luz, que viria a contar com um zagueiro chamado Povanovo, era povo, e não só novo — povo velho, povo da Carris e da usina, povo humilde e sofrido, ao passo que o Cruzeiro era representado por Xico como uma arrogante figura de cartola e monoclo; sabendo-se que ao final do primeiro tempo o Cruzeiro ganhava por três a zero, sua torcida rindo nas arquibancadas de madeira do pobre estádio da Timbaúva; sabendo-se tudo isto, saiba-se que o Fôrça e Luz acabou vencendo por quatro a três e pergunte-se, com justo espanto: qual o verdadeiro Cruzista — o do primeiro, ou o do segundo tempo? Tal é o Cruzeiro, um time de muitos tempos; tempos de vitória

ria e tempos de derrota; tempos de alegria e tempos de dor. Esta eterna ambivalência, esta luta de homens contra destinos, reflete-se na torcida. Olhe-se um cruzeirista: há um brilho de ansiedade em seu olhar, um ricto — mistura de júbilo e sofrimento — em seu rosto. Olhe-se o Dr. Jaime Zaduchliver, alto, possante, olhe-se o Sr. Colmbra, magro e pequeno — os dois são cruzeiristas; mais, os dois defenderam as cores do Cruzeiro. Estes paradoxos fazem suspeitar que os resultados dos jogos do Cruzeiro dependem dos pés dos jogadores, do estado do gramado, da vontade do juiz. Forças ocultas, poderosas estão envovidas, talvez a vontade de deuses obscuros e impassíveis. É verdade que poderosos naturais também regem a sorte de outros times, mas os torcedores tentam modificá-los — pela preço, pelo despacho. Não os cruzeiristas. Limitam-se a esperar, resignados, em silêncio.

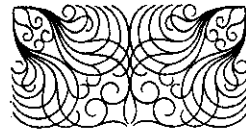
Mas afinal — pergunta-se — que tipo de seres humanos são estes? De que fibra são feitos? Cinco cruzeiristas foram encarcerados e privados de água e comida; ofereceram-lhes manjares deliciosos, se renegassem o Cruzeiro e se tornassem gremistas. Um morreu de fome, mas os quatro que sobraram continuaram cruzeiristas. Quatro cruzeiristas foram torturados com ferro em brasa; um morreu; os três que sobraram continuaram cruzeiristas. Três cruzeiristas foram submetidos, durante semanas, a lavagem cerebral; um morreu, mas os dois que sobraram continuavam cruzeiristas. Dois cruzeiristas foram ameaçados de morte se não se tornassem colorados; um morreu do coração, mas o que sobrou continuava cruzeirista. Um cruzeirista foi atropelado à saída do jogo; suas últimas palavras foram: «Sou cruzeirista!» A necrópsia, os patologistas examinaram-no detidamente; nada encontraram que o diferenciasse de outras pessoas, gremistas ou colorados; ainda assim saíram do necrotério cheios de dúvidas angustiantes. Quem sabe da força estranha que se esconde no coração dos cruzeiristas? O Cruzeiro sabe. Os cruzeiristas, não.

*VAT 69
*BEAUJOLAIS
*FRANGO DEFUMADO
SADIA E OUTRAS
TENTACÕES
ARGOS 24 OUTUBRO, 15
FONE 22-1316

CALÇAS FEITAS NA HORA
ENTRE NAS CALÇAS
Jim's
GAL. MALCON loja 6
CENTRO COMERCIAL, Av. L. Pessoa 1831-loja 215



TATATA PIMENTAL



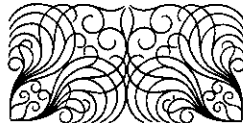
Depois de algumas Batidas preparadas pelo Balano Beto na Cantina da Vila, Tonico Macedo esquentava mais que a lareira acesa. Quem já viu o dantesco espetáculo das chamas alumiando Tonico, preferirá ir para o hell; o sky já era. Mais vale um Tonico Macedo no inferno que todos Beto Vargas no Céu.

JOSÉ MAURO DE PARCERIA COM A GRANDE HILDE, RECEBE AS 24 HORAS DO DIA PARA MINISTRAR ALIMENTOS NAS BARRIGUINHAS SEDENTAS DA GAROTADA DA NOITE. MARCO AURELIO DORNELLES TOMA LEITE DE ONÇA, A JUSSARA COME SUBMARINOS, BARBARA JE T'AIMÉ, REFERE O DIABÓLICO.

Cachoeira que não é do Itapemerin, e sim do Sul, convidou, mas por culpa da Sandra Garcia que não apareceu / com o Fuca, não fomos.

Mas sabemos que «A night in the hell» foi sucesso. Ela se realizou na Boite do Club Comercial. Desde de luzes dançantes a águas tresloucadas. O porteiro diabólicamente vestido, recebia para o festim de Balthazar. A música curtidíssima foi importada de palegre, as vacas já mugiam na fazenda de Suzana Bokin Sperotto e a festa não havia terminado.

MODA E RODA, VAI E VEM, POR ISTO DUDDU ALVAREZ NÃO SOSSO, CA EM SUA BUTIQUE, QUE MUITO XIX-XIX.



Minha Grande amiga, Dona Rejane Felipe, oferta em despedida o melhor bacalhau do mundo, mesmo superior aos que já comi em Lisboa na casa dos Condes de Arcoaba. Dn^o Rejane parte Rio-Paris para participar de um Congresso de Direito Aero-Espacial. Doutora Dulce Amor Brasil e Dona Leonida de Azevedo Romanó participaram dos acespes. Dona Leonida, contando de seu palácio em Curitiba, Rua do Verbo Divino nº 1, Professor Alfredo de Souto ultimando as teses a serem enviadas. O café truco terminou l'après midi d'un faune.

No leilão de arte da Collectio e Sphera Gallery os que mais compraram foram Manuel Leão dos Reis (comme d'habitude) e para grande surpresa Dignissimo Senhor Secretário para os Negócios de Energia e Comunicações, o Senhor Luis Ignácio Franco de Medeiros, fez-se acompanhar de dois experts em ars gratia artis, Senhor Renato Rose e o architecto Carlos Eduardo Charlot.

(da sucursal Alfred Press-New York)

DA GRAÇA, NEREIDA DAUTH & MARTINHA SPARATRAPP ORGANIZAÇÕES LTDA.

Sob a égide da heráldica Margarida de Abreu Pereira Kroeff, uma das poucas senhoras que conservam o espírito de uma juventude eterna, porque pelo menos sabe rir de brincadeiras jovens, iniciaram na sub-cave do Doutor Buy José Sommer os desfiles simultâneos das Boutiques Be-in e Da Graça. Fernandinho-coiffeur mostrou que nem só de koke-banana-exportação vive o cabelereiro, desfilou em cetim-branco, em pants-court, em knickers e botou muito manequim futura-renner-70 no bôlo. Roberto Renner de Araújo mostrou e apresentou o braço dos Renner em decapé-vitorio-gheeno. Muita louridão no spot.

Martin in-pay-day, de tresloucadas e extasiadas margaridas na mão mimoseava uma platéia atônita e entrolina. Fernandinha cega de amor, filha de Vitorio und Bety, qual Maya em sábado de aleluia, despencando escadaria rose-schoking, mostrava o umbigo em malhas da graça e que são confeccionadas pela Graça da Felipe Camarão. Beto que é Vargas, num dos raros momentos de timidez que teve na vida, não enfrentou o público devidamente metamorfoseado. Teve medo dos olhares conspuentes que algumas mesas, ou por horror ou por medo, lançavam às varias partes de seu corpo, apresentou êle fações dos mais variados materiais, camurça, seda, malha etc. Gilbertinho Guaiha Dieterich Sommer fez a música como pôde e principalmente como não pôde. Martinha Super Market foi o grande CHOU sentindo-se quase à vontade de pants court, os tigrisimos cintos apertavam a cintura de quase todos os modelos. Seu Felix e Dona Lalá de Araújo Santos na Balustrada aplaudiam freneticamente. Arthurzinho Corrêa, irmão de Dona Maria, aprovava sem ressalvas, Dona

Kitty Kroeff e Seu Aldo Wolf gostaram, a jeunesse adorou e mostrou que desfiles tradicionais já eram. O Butikin viveu sua primeira SWINGING LONDON NIGHT, e quem não gostou foi Ixo. Sergio Sgrillo que usa e mesmo blazer há 25 anos não gostou, Herton de Leon que detesta Veneza por causa do cheiro, não gostou por telepatia. Rudolph Pieper que só entende de Mercado de Capitais e de Mercado livre para comprar verduras também não gostou. Imaginem se o desfile tivesse agradado a esta gente que Ixo não seria. Por desafeto os que desaprovaram o desfile farão nos Salões da Sociedade Germânia um desfile onde apresentarão os trajes típicos da Revolução Farrroupilha, como música de fundo Herbert Gehr e seu plano mágico, será o desfile apresentado por Dona Palmira Gobbi e a renda reverterá em benefício da filha da pintada. A-guardem!!!

DONA GRAÇA QUE É UMA GRAÇA, ESTÁ DANDO MALHA DE GRAÇA, NA BOUTIQUE QUE ERA DE MARY HELENA TRUDA E QUE AGORA É DA GRAÇA. DAQUI PRA FRENTE TODO MOUNDO VAI MOSTRAR O UMBIGUINHO, BETO VARGAS JÁ LANÇOU E O ALEXANDREE VAI ADOTAR.

Agora, o que todos perderam, foi a beleza de um billardário francês, called Gérard Leclery no Butikin, segundo, au soir. Casado com Regina de Scatembourgo, habita Tijuca's Barra. É a única preocupação é fazer cruzeiros pelo Mediterranée. Monsieur et Madame Gérard Leclery, convidados para conhecer o Brasil por Claude começaram por Palegre. Tóda esta gente foi levada à noite por Linneo Château et Les belles Oterous, uma delas Bérénice, como a de Racine.

Mas quem surpreendeu e muito foi uma das mulheres mais lindas daqui, casada com Doutor Paulo, Cyr Maciel de Sá Livonius, aquela que fala um francês parfait. Para quem viu Dona Cyr em Tórrés 71, fazendo concorrência com o sol, pelo conjunto dourado que usava, não esquecerá mai più questa donna.

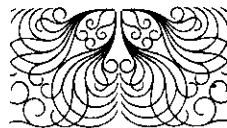
Herton de Leão, um dos cronistas mais adrede preparados para exercer esta função, é ritornato from Europa. Conta do fedor de Veneza (para o bom olfato dele), da declaração de Florinda Bulkan (née Ciongna) quando do recebimento do David nas Thermes de Caracalla. Disse Florinda em seus discurso que há fome ainda no Ceará, o que revoltou muitíssimo Herton de Leão, pois Florinda estava fazendo uma má propaganda do País ao declarar a falta de alimentos no Ceará. Herton de Leon é uma das pessoas que mais batalha para levantar o bom nome do Brasil lá fora!!!

NO ENCERRAMENTO DO CONGRESSO DE ADVOGADOS, CHEZ CLUB DU COMMERCE O DOUTOR JORGE CORRÊA DA COSTA E SENHORA GANHARAM (POR SORTEIO) UMA PASSAGEM AEREA PARA ALGUMA PARTE DO MUNDO. A ELEGANCIA DO CASAL FOI DAS MAIS COMENTADAS.

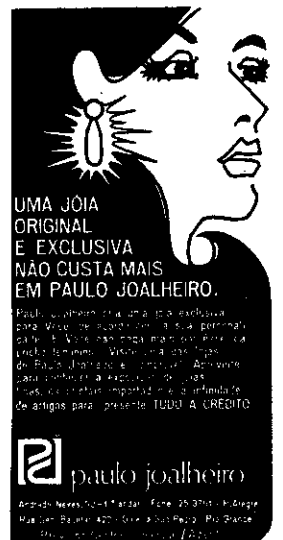
(DA SUCURSAL NOELY PRESS - LONDON)

A fama do Fato já transpassa as fronteiras da Br 12. Sancta Catharina Ieu e apareceu no Restaurante Jangadeiro, que é em Ibituba, terra de minha amiga Lourdes Catão. Lá foram Léu et Bianca Schlinger com Boby Sopher, sobrinho daquela casa gloriosa da Carlos Gomes, com o Professor Cibernético.

Quem conta é Alfred Press, sucursal da United Press.



Sergio Sgrillo promete mas esperamos que não cumpra, ir para London habitar junto a José Abu-Jamra que parte dia dez. Serginho Axelrud que já foi medicado em Paris, no Hotel du Touriste, quando lá estivemos, recebe com luxo e ostentação les friends de José para despedida, na mansão da Dario Perderneiras, Ibraco em festa. Será sorteado um coberto sone leve entre os convidados, a renda irá em benefício de Sérgio Sgrillo que quer ir junto, portanto ninguém deve adquirir esta zifa. Atenção, precoloso sporgers!!!



UMA JOIA ORIGINAL E EXCLUSIVA NÃO CUSTA MAIS EM PAULO JOALHEIRO.

Paulo Joalheiro cria uma joia exclusiva para você de acordo com a sua personalidade. Ele cria joias com pedras preciosas, ouro e prata. Seu trabalho é único e exclusivo. Ele cria joias para todos os gostos e ocasiões. Ele cria joias para presentear e para si mesmo.

Paulo Joalheiro trabalha com joias de ouro e prata, com pedras preciosas e semipreciosas. Ele cria joias para todos os gostos e ocasiões. Ele cria joias para presentear e para si mesmo.

Paulo Joalheiro
Rua do Ouvidor, 111 - 11º andar - Rio de Janeiro, RJ
Telefone: 222-1111

Louros e mais louros ao PATO. Nosso jornal prejetou-se definitivamente como Grande Orgão da Imprensa. Contamos a verdade sobre as verbas da Fundação Ford. A Comissão de Inquérito da Universidade de Caxias de Sul responsabilizou o padre Sérgio Leonardelli pela aplicação das verbas da Ford. Comenta-se extra-oficialmente em Caxias do Sul que o padre Sérgio vai perder seus empregos de vice-reitor e de superintendente administrativo da Universidade.

DOCUMENTOS

O PATO agora dá uma de "New York Times". Mostra a fotocópia de alguns documentos considerados secretos pelo escritório da Ford Foundation, no Rio de Janeiro. (O padre Sérgio, apesar de estar muito ligado na Ford, num ofício dirigido ao professor Antonio Carlos Kroeff Soares escreveu errado 4 vezes a palavra "foundation": para ele, a grafia correta é "fundation".)

Só não entendemos porque o reitor Virvi Ramos não quer mostrar a opinião pública de Caxias do Sul o resultado do inquérito apurado contra o padre Sérgio. Atenção, rei-

PICARETAGEM UNIVERSITÁRIA 2

tor. Caxias do Sul não pode ficar sem saber o que saiu no inquérito. A reitoria tem o dever de publicar alguma coisa do que foi dito no processo, sob pena de ficar mal vista em todo o Brasil.

EMPULHAÇÃO

A gente agora assume um compromisso com Caxias: se alguns documentos não forem publicados, o PATO irá publicar. Afinal de contas, muitos professores sabem que o caso da Ford foi apenas aquela famosa gota que entornou o caldo. O que estão fazendo é empulhação. Quando o assunto da Ford estourou, a reitoria lascou uma nota apressadamente tirando o corpo da jogada. O reitor declarou na sua portaria número 40, de 31 de maio de 1971, que fora noemada uma comissão de inquérito para "apurar responsabilidades de domínio público". Agora, alguns jornais noticiam que "de parte da reitoria as conclusões do inquérito não serão publicadas, pois, pela constituição da

Universidade, elas passam a ser assunto de direto interesse da associação mantenedora" (Correio do Povo, 9/7/71). Vocês conhecem a constituição da entidade mantenedora? O PATO conhece. É uma gracinha, bichos. Num artigo lá pelo meio do negócio, fala-se em Assembléia Geral, Presidência e Conselho de Curadores". A presidência será escolhida pela Assembléia Geral que manifestará sua vontade através do voto dos sócio-fundadores". A assembleia geral são a Mitra Diocesana, representada pelo bispo Benedito Zorzi; Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima, representada pelo seu presidente, Virvi Ramos; a prefeitura Municipal de Caxias do Sul representada pelo seu titular (aqui não cabia colocar nome nenhum, pois o titular muda de quatro em quatro anos, mas consta o nome do ex-prefeito Hermes João Weber); D. Candido Julio Bampi, substituído no seu impendimento pelo vigário geral da Diocese de Caxias do Sul; padre Sergio Leonardelli, sra. Clelia Spinato Manfro (sogra do dr. Virvi Ramos)

THE FORD FOUNDATION
100 EAST 42ND ST.
NEW YORK 17, N.Y.

11 de maio de 1971

Dr. Sr. Sérgio Leonardelli
Faculdade de Educação
Universidade de Caxias do Sul
Caxias do Sul, R.S.

Prezado Sr. Leonardelli:

Agradeço-lhe por ter aprovado e enviado o relatório narrativo (financeiro período de 1960-70). Os valores e o levantamento das informações realizadas por você escritas em New York, preparadas e elaboradas em tempo que se achava o seu relatório e que por sua finalidade são de caráter confidencial, não são de caráter público e não podem ser divulgadas a terceiros. O fato de você ter enviado o relatório a esta instituição não implica em qualquer forma de divulgação pública. O fato de você ter enviado o relatório a esta instituição não implica em qualquer forma de divulgação pública. O fato de você ter enviado o relatório a esta instituição não implica em qualquer forma de divulgação pública.

Segundo os dados fornecidos, o saldo de sua fundação em 31 de dezembro de 1970 era equivalente a \$1.130.771,00. Como já explicitamos em outro relatório, os valores de sua fundação são de caráter confidencial e não podem ser divulgados a terceiros. O fato de você ter enviado o relatório a esta instituição não implica em qualquer forma de divulgação pública. O fato de você ter enviado o relatório a esta instituição não implica em qualquer forma de divulgação pública.

THE FORD FOUNDATION

- 2 -

Se já tiverem feito os cálculos e saldo financeiro até o dia 31 de maio, espero que me ajude a escrever os dados de sua fundação sob uma ótica completa e parte relativa a gastos durante 1971 de outra tabela anexa. Já que me a verba foi utilizada em benefício, inclusive sobre as passagens contempladas de materiais comprados, etc. Não esqueça relatá-lo com por separado para uma outra que possível. Se houver de calcular as despesas até 31 de maio ainda houver algum saldo, registre-o em separado para o seu relatório e categoria a que pertence e que inclua uma proposta para o uso de tal saldo. A sua resposta, por favor, não poderá ser utilizada depois de dia 31 de maio sem que Y. Ramos, presidente do Conselho de Curadores, seja informado sobre utilização de tal saldo.

Desde já muito grato por sua colaboração.

Atenciosamente,

Manoel A. Bampi
Assessor do Programa
de Educação

Anexo
de: 11/05/71
MVR

Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul

RUA DE 18 DO PORTO, 1711 - CAXIAS DO SUL - Rio Grande do Sul

Caxias do Sul, 26 de março de 1971

Prezado irmão Adelino

O anexo estou lhe remando o relatório complementar e espero completo da segunda etapa do programa de formação de professores polivalentes.

Consegui descobrir os dados exatos, creio porém que para os efeitos do trabalho de curso que deverá ocorrer em seu relatório. Acontece que por um lapso seu, as quantias que o senhor solicitou em seu relatório a Ford como sendo recebidas em 1968/1969 foram relativas à 1968/1969, daí a confusão, porém agora estão certas. Coloquei as parcelas referentes dia 31 de maio de 1971 para facilitar. Se não sua procuração no banco não ver onde foi parar sua dinheiro.

Despeço-me o trabalho que vou lhe dar, mas fo alheio à minha vontade e à sua. Espero, porém que tudo esteja bem agora.

Atenciosamente

Sérgio Leonardelli
Dr. Sérgio V. Leonardelli

Rubens, quem
é dr. V.



e, finalmente, sr. Hermes João Weber, "com título intransferível, cessando tal direito por morte ou renúncia do mesmo". Então surge uma dúvida, de carinha: o atual prefeito Vitorio Trez faz parte da entidade mantenedora? Considerando que faça, a Assembléia Geral da Universidade tem sete pessoas. E o Conselho de Curadores? Bem, o Conselho de Curadores "será composto de três membros escolhidos da Assembléia Geral, de forma que dois deles sejam, sempre, sócios fundadores, (isto é, a Assembléia Geral, a relação aquela aí de cima) podendo a escolha do terceiro, recair sobre associado de qualquer categoria".

OS SETE

Vejamos agora o que sig-

nifica "associado de qualquer categoria". Existem três categorias de sócios: fundadores, colaboradores e honorários. Fundadores são aqueles sete. Colaboradores são os que prestaram auxílio ou serviços à associação. Honorários são aqueles que vocês sabem muito bem: "grandes vultos do cenário administrativo, cultural, científico, tatatá e coisa". Finalmente, a prova que das três categorias de sócios, somente os fundadores (a assembléia geral, os sete homens aqueles) podem decidir. Olhem aí, o artigo 22: "Nas reuniões da assembléia geral, em que se tratar de assuntos pertinentes ao patrimônio, à administração ou orientação, tanto da associação como das instituições mantidas, somente os associados fundadores, nas condições de membros permanentes da assembléia

geral, terão direito a voto"

GENTE FINA

O que a gente quer ver agora é a situação do padre Sérgio. Tá certo, ficou provado que ele é responsável por algumas picaretagens, mas ele é, indiscutivelmente, um homem fino. Coleciona cachimbos e porcelanas. Faz parte da entidade como fundador. O estatuto não prevê nada a esse respeito, de punição. Queremos saber se ele vai continuar votando na assembléia geral. Isto é, decidindo pelos destinos da educação universitária de Caxias. Dr. Virvi com a palavra (o PATC dá espaço, garantido pela Lei de Imprensa). Agora um recado pro padre Sérgio: olha, a gente lá no fundo, muito no fundo, no fundo do fundo, gosta do senhor. O senhor é gente fina, tem bom gosto, e essa comissão de inquérito foi lhe dar uma queimada injusta. Afinal de contas o senhor não é o primeiro a passar outros pra trás. Se o senhor não conseguir mais a boquinha da Ford, tem a General Motors, muito mais poderosa e com carrões muito melhores. O nosso espaço também está aberto para o senhor. Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo.

Rogério Mendelski



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
REITORIA
Of. 93/71 Caxias do Sul, 25 de maio de 1970



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
REITORIA

Ilmo. Sr.
Prof. Antonio Carlos Krossff Soares
N.º Diretor da Faculdade de Educação
Nesta Cidade.

Com referência a seu ofício ao Sr. Reitor, datado de 21 de maio do corrente, acompanhado de anexos, que foram neste Reitoria e processo nº 004/70, também de 21/5/70, despachado pelo Sr. Reitor para mim responder, tenho a declarar o seguinte:

1 - Com referência à Declaração de Professora Lucena Assunção Carlotetti, foi verificado realmente no livro registo acadêmico ter participado de um curso em São Paulo em 2 a 16 de agosto de 1969, e que realmente pelos comprovantes em seu poder não se realizou. Sobre esclarecer que terei imediatamente a participação do Tapes ocorrido à Fundação para corrigir o livro arquivado no Reitoria. Não se trata também de outro professor, não quanto ao curso, mas a quantia recebida, que será também corrigido.

2 - Em relação à complementação de salários, sendo o Sr. Prof. Edmundo Miller e o Sr. Prof. Eurico Emilio Meurin declararam não ter recebido ajuda de custo de espólio alguma coisa até 1970, e que realmente pelos comprovantes em seu poder não se realizou. Sobre esclarecer que terei imediatamente a participação do Tapes ocorrido à Fundação para corrigir o livro arquivado no Reitoria. Não se trata também de outro professor, não quanto ao curso, mas a quantia recebida, que será também corrigido.

Respeitosamente as professoras continuaram a receber seus honorários pela Folha de Pagamento da Faculdade. Para fins de Relatório, informo-lhes a Ford sobre os quantos participaram nos hábil-

ria de cada professor, por isso consta o nome e quantia no Relatório. Sobre esclarecer que neste caso além das professoras declaradas, estão mais o Prof. Cláudio Maria Piazza Ribeiro, o Prof. Smal Gerbin, o Prof. Lorenz S. Sasso, o Prof. Leovane Dal Sasso, o Prof. Manoel P. de Silva, o Prof. Nelson Mansour, o Prof. José Castro e a Professora Vitalina Frost.

Quero também declarar, que para melhor manter os fundamentos de cursos de 1º ciclo, universitários ao Sr. Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Prof. Paulo Luis Zugno, e usar a verba para outros gastos supervenientes, enquanto a Faculdade continuaria a arcar com as despesas normais dos Srs. Professores, já que caberia a ele, para o futuro, manter sempre ao nível de professor reduzido. Tere é do perfeito conhecimento da Ford Foundation.

Agradeço a V.ª Sa. a oportunidade de poder corrigir o livro arquivado na elaboração de Relatório e espero ter esclarecido o que não era do conhecimento dos Srs. Professores.
Declaro a V.ª Sa. o conteúdo de esclarecer os Srs. Professores em questão.

Atenciosamente.

Rogério Mendelski
Superintendente Administrativo

REITORIA
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL



Nosso correspondente em Caxias, Luis Andreola, também está por dentro da Grande Ficarotagem e sugere este VESTIBULAR UNIFICADO PARA A CÚPULA DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS, PROVA ÚNICA DE EMPLOMACIA PROCESSUAL.

1) Acima da Universidade de Caxias do Sul existe a Associação Universitária de Caxias do Sul, a respeito da qual pergunta-se:

- é uma associação mantenedora?
- é uma associação filantrópica?
- é uma associação se mantendo?
- é um coral de cantochão?

2) A Associação Universitária de Caxias do Sul tem como presidente Dom Benedito Zorzi, Bispo Diocesano; sabendo-se ser ele o verdadeiro dono da Universidade, pergunta-se, com respeito ao affaire Ford Foundation, qual tem sido sua atitude?

- apoio às medidas do sr. Reitor
- total imparcialidade a favor do padre Sérgio.
- ausa ím
- descausa total

3) Sabendo-se que o sr. Reitor deve ter sofrido pressões de dois lados durante o episódio - de um lado a imprensa e os professores, de outro a Associação Universitária de Caxias, pergunta-se se o Reitor teve condições ideais para tratar do caso:

- sim
- não
- talvez
- eu não queria estar na pele dele

4) Supondo-se que o padre Sérgio seja considerado o único culpado no affaire, qual poderá ser seu destino?

- vai receber um cargo de representação em um local afastado de Caxias
- vai ser assistente administrativo
- vai ser sócio da Rio
- vai devolver o dinheiro

(quem escolher votar)

policia



PAGO PARA VER

A DOCE DAS FII

Roberto Manera

A HISTORINHA, COM TRÊS PERSONAGENS E MUITAS SUTILEZAS

Abra o jogo. Apareça com seus olhos, mesmo aqueles que dizem ser melhores que os da TAXA 57, em meses, para Opala Luxo, Super ou SS. Além do mais, veja a tabela. Venha por sua conta e risco.

«Comprei à vista, querida, e vamos pagar à prazo.» — Irmãos, este é o início da maior rãca em que um cara pode se meter hoje em dia. O espírito do negócio é o seguinte: Um senhor qualquer senta-se numa mesinha com duas caixinhas em cima. Numa tá escrito «venda» e na outra «compra». Aí, chega um sujeito que tem um dinheirinho e quer «botar a juízo». O senhor da mesinha pega o dinheiro dele, e põe na caixinha «venda», e lhe entrega solenemente um papelzinho que saiu lá de dentro com as seguintes palavras rituais: «O senhor acaba de se tornar o feliz proprietário de uma letra de câmbio com a bruta renda de 28% ao ano».

E olha aí, começou a sutileza: se ele tivesse trocado um cocôzinho na frase, ficaria renda bruta — e a incômoda confissão de que os 28% não são «líquidos». (Ainda tem o Imposto de Renda). Depois, chega outro cara. Este quer comprar um carango e não tem grana. O senhor da mesinha investiga as relações extra-matrimoniais do sujeito e lhe dá o dinheiro do outro. O cara assina um monte de papagalos e ouve outra frase mágica: «O senhor é o feliz tomador do empréstimo mais barato do mundo» (35 a 40% ao ano). A diferença entre os 28% de um e os 40% do outro, vai para uma outra caixinha — na casa do senhor da mesinha — e acaba em hotéis muito branquinhos (categoria «turista») da ensolarada Costa Brava, onde estes senhores sempre passam as férias de seu estafante trabalho, incrementando o turismo e as relações culturais hispano-brasileiras.

Logo depois do negócio, os caminhos destes três personagens se separam: o que empregou o dinheiro vai prá casa rezar pelo Ministro Delfim Neto e sua baixa taxa de inflação; o que comprou o carango vai nos fine-de-semana para Gramado dando lpi-lpi-urras ao Ministro Delfim Neto e sua sábia deflação não-violenta (uma pequena inflação sempre vai ajudar a devalorizar as últimas prestações) e nosso amigo das caixinhas não deixa de lembrar o Ministro entre um e outro «olé» aos toureiros espanhóis, porque a imagem do País e o crédito externo também são muito necessários à manutenção de sua própria imagem de «Papai-Noel, o mercador de felicidade».

O senhor da caixinha é o único cara que domina perfeitamente a mecânica destes negócios e, portanto, é o mais feliz de nossos personagens. Os outros dois perdem a felicidade de saber REALMENTE o bem que começaram a fazer desde que entraram no negócio. Nem pensam na alegria do vendedor de automóveis que, afinal, vendeu o carro que estava entalado na loja havia tempos; Nem nos lucros da Indústria automobilística Brasileira (Ave. Ford-Willis, General Motors e Volkswagen DO BRASIL). E ambos ignoram, imagine, os novos empregos que seu ato heróico acaba de criar: como por mágica surgem vagas para mecânicos, lavadores, oficiais do cartório de protestos de títulos e datilógrafos do SPC (uma organização que vende proteção). Só o SPC produzindo uma barbaridade para a economia nacional: milhares (atenção, copy, é milhares mesmo) de metros de lista de maus pagadores por ano.

O PATO, ENTUSIASMADO COM TANTA PRODUÇÃO SUGERE: SENHORES FINANCIADORES (NÃO O FINANCIADOR QUE EMPRESTOU O DINHEIRO — OS DAS FINANCEIRAS) FAÇAM UMA CAMPANHA ESCLARECENDO OS FINANCIADOS E INVESTIDORES SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO NA ECONOMIA NACIONAL. POUCOS DELES SABEM O QUE ESTÃO FAZENDO... PELO PAÍS.

Meu primeiro poupará tempo, e tempo é dinheiro.

TAXA

57

meses	coeficiente
12	99,8
15	82,9
18	72,0
24	57,0
36	44,3

multiplique o coeficiente pelo financiamento e divida o resultado pelo prazo de vencimento

GANHE AGORA NA TROCA DO SEU CARRO USADO

GRUPPO

FINANCIAMENTO

AV. DO ESTADO 7854 TEL. 63-386
 Plantão: todos os dias, das 22 às 24 hs.
 Sábado: até 17 hs. Domingo: até 12 hs.
 Atendimento a domicílio

pneu à lá a

F. S. MANERA - PUC

CONVERSA FINANCEIRAS

ATENÇÃO PARA A TABELA DE PREÇOS DO DINHEIRO GAU-
CHO: (todos os cálculos são feitos sobre um hipotético saldo deve-
dor de 10.000 cruzeiros)

FINANCEIRA	COEFICIENTE	PRESTAÇÃO (x24)	TOTAL
FINASUL	6125	612,50	14.700,00
FINANCIAL	5953	595,30	14.287,20
FICRISA	6266	626,60	15.038,40
INTERSUL	6100	610,00	14.640,00
MAISONNAVE	6166	616,66	14.800,00
MOCASA	6080	608,00	14.592,00
CREFISUL	6164	616,40	14.793,00
IPIRANGA	6266	626,60	15.038,00

O FINANCIAMENTO MAIS BARATO É O DA FINANCIAL E O
MAIS CARO FICA EMPATADO ENTRE A IPIRANGA E A FICRISA. A
DIFERENÇA ENTRE O MAIS CARO E O MAIS BARATO É DE
CR\$ 740,80, NUM FINANCIAMENTO DE DEZ MIL CRUZEIROS A
PRAZO DE 24 MESES.

OBS: — AS FINANCEIRAS QUE POR ACASO NÃO TENHAM SI-
DO CITADAS, NÃO DESESPEREM. ESCRIVAM AQUI
PARA A BÓCA INDICANDO SEU COEFICIENTE E NÓS PUBLICA-
REMOS. O PATO, É A GLORIA DA IMPRENSA DEMOCRÁTICA.

Há também os segredos do negócio que — mercê de sua preparação só o senhor da caixinha conhece. Por exemplo, telefona-se para a Maisonnave e se pede a taxa de juros para financiamento de carros em 24 meses. Uma linda voz da mulher responde: «48% em dois anos» (2% ao mês) E é isso mesmo, irmãos, NA HORA DE PAGAR a primeira prestação você estará pagando 2% ao mês. É verdade que quando você já tiver saldado a metade da dívida, a taxa ainda vai estar sendo aplicada sobre toda ela, mas o PATO garante que são apenas 2% ao mês. Na última prestação você ainda vai estar pagando 2% ao mês. Só que os dois por cento serão calculados sobre um valor 23 vezes maior do que a sua dívida. Mágicas são os caminhos da matemática.

O PATO FURA O SISTEMA E PASSA INFORMAÇÃO QUENTE: A VERDADEIRA TAXA DE JUROS DO CRÉDITO DIRETO AO CONSUMIDOR OSCILA ENTRE 3,2 E 4% AO MÊS, CONFORME OS SENTIMENTOS E A HUMANIDADE DOS DONOS DE FINANCIERAS. OS SENTIMENTOS E HUMANIDADE DOS DONOS DE FINANCIERAS SÃO REGULADOS PELA PROCURA DE LETRAS DE CÂMBIO — QUANDO AS FINANCIERAS TEM DE AUMENTAR AS RENDAS DE SUAS LETRAS, PORQUE TODO MUNDO FOI PARA O MERCADO DE AÇÕES, SOBRE A TAXA DOS FINANCIAMENTOS, ASSIM, ESTÁ PROVADO QUE O RESPONSÁVEL PELOS AUMENTOS DOS JUROS E SEMPRE O MAL INTENCIONADO DO CONSUMIDOR.

Outro segredinho: telefona-se para FICRISA e se pergunta: «Por favor, etc e tal. — Qual é o coeficiente de vocês para financiamento de carros em 24 meses?» Resposta: «cinquenta, mas atualmente não estamos financiando.»

Aí a gente liga a «MAIA AUTOMÓVEIS», na av. João Pessoa e pergunta: «Vocês trabalham com a FICRISA?» Resposta: «Sim senhor» — «E qual é o coeficiente deles?» Resposta: «62,66».

«Coeficiente» é um númerozinho que os picaretas de automóveis usam para multiplicar pelo saldo devedor do cara que compra à prazo. Os cinco primeiros algarismos com uma vírgula à meia-noite dão a valor da prestação que o cara está condenado a pagar.

Pode ser que o senhor da FICRISA tenha se enganado, mas se o financiamento deles é mesmo tão barato, e gente tem de ficar comovido. Imagine que o seu Axelrude vende dinheiro mais barato do que compra. O dinheiro que ele não deve gastar para fazer a felicidade dos coitados (eu sempre fui eminhocado com a raiz desta palavra, «coitado») que não têm grana para comprar automóvel. O PATO mata a formiga e mostra o dedão: Digamos que o sujeito comprasse um carro pela FICRISA e ficasse devendo 10 mil D'El Rey. Ai eles fazem a seguinte conta: $50 \times 10.000 = 500.000$. Come um zero e põe uma vírgula, é igual a 500,00. Ai está a prestação do cara por 24 meses. Total $500,00 \times 24 = 12$ MIL D'EL Rey. (Pelo cálculo usual das financeiras daria menos de 1% ao ano, 2% ao todo).

Agora vamos ver usando o «coeficiente» fornecido pela MAIA AUTOMÓVEIS: $10.000 \times 62,66 = 626,60$, que vezes 24 é igual a 15.038,40.

Ai já são mais de cinquenta por cento de juros, em linguagem de financeira, é claro.

A matéria acabaria por aqui, mas como só dois grupos foram citados nós não queremos deixar ninguém enclumado, o PATO fornece o serviço completo e mostra o custo das melhores financeiras do Pôrto. As variações correm por conta do relaxamento do consumidor (este incomedativo) com as letras de câmbio deste ou daquele grupo financeiro. Compre à vista, pague a prazo e seja bem-vindo a comunidade dos PATOS.

VOCÊ JÁ FOI NA LOJA DE
ROUPAS DE FERRO?



NÃO, NÃO! AS ROUPAS NÃO SÃO DE FERRO;
DE FERRO SÃO AS ESTRUTURAS MILLS ONDE
NOS PENDURAMOS NOSSAS ROUPAS DE BRIM,
LONA, MALHA, VELUDO (CALÇAS LE-
VIS por €\$ 49,00), etc

tenda duARX
ROUPA JOVEM

JOSE DO PATROCÍNIO 19

Pneu novo ao preço antigo na super
equipada Casa dos Pneus. Pneus de todos
os tipos e com mil bossas.

S
ntiga

Casa dos pneus
AV. PERNAMBUCO, 1590 ESQUINA PÁTRIA

APROVEITE: até às 20 horas diariamente

Media

Vanderlei Cunha

SACCO & VANZETTI, MAIS PERIGOSOS QUE BONNIE & CLYDE?...

Ainda são escassas as informações sobre o filme «Sacco & Vanzetti» (êxito de bilheteria em toda a Europa), mas a sua música já está dando o que falar e um nome aparece justificando o interesse: Joan Baez. Ela escreveu os versos para dois temas do maestro Ennio Morricone («La Ballata Di Sacco E Vanzetti» e «Here's To You»). Praticamente desconhecidas por esta geração à procura de mártires e rebeldes, Sacco e Vanzetti são dois imigrantes italianos condenados à cadeira elétrica nos EEUU, nos anos 20, por agirem contra o Establishment. Acusados de «anarquistas» e «subversivos» pela Direita, acabam assassinados. Inocentes. Seu crime? Uma atitude de repulsa à uma realidade chocante, muito semelhante a de hoje na América, onde centenas de jovens continuam enchendo cadeias por protestarem contra a duvidosa ordem estabelecida pela sociedade». Era justo que um tema dessa natureza sensibilizasse a artista Joan Baez que, inclusive, tem sofrido problemas com as le-

tras: ela foi proibida de traduzir os versos da «Ballata» para o francês, durante uma apresentação recente na ORT, em Paris. A Continental importou o compacto-simples e está tocando principalmente o «Here's To You», um hino maravilhoso com apenas 4 frases: Here's to you», Nicola and Bart/Rest forever here in our hearts/The last and final moments is Yours/That agony is your triumph! Joan é acompanhada pela orquestra de Ennio Morricone e pelos «Cantori Moderni» D'Alessandro. (RCA-Victor 49.748).

RAM? PAUL McCARTNEY? POR ENQUANTO, SÓ NA CONTINENTAL...

Vendendo horrores nos States, o álbum de Paul & Linda McCartney só será lançado no Brasil daqui a 2 meses (a Odeon ainda nem o incluiu em suas previsões para os próximos suplementos). Mas a Continental já mandou buscá-lo e está badalando mesmo as 12 faixas, bastante superiores às do lp anterior de McCartney. «Ram» é um disco uniforme, bo-

nito, profissional; um disco que agrada tanto o mais sofisticado consumidor de «autôres» quanto ao mais leiano aficionado dos Beatles.

Atenção para a ficha técnica: «RAM» — BY PAUL AND LINDA McCARTNEY, ESTEREO (AP-

PLE SMAS 3375). Lado 1: Too Many People — 3 Legs — Ram On — Dear Boy — Uncle Albert/Admiral Halsey — Smile Away. Lado 2: Heart Of The Country — Monk Berry Moon Delight — Eat At Home — Long Haired Lady — Ram On II — The Seat Of My Car.

Abandonando a mania de fazer tudo sozinho, McCartney buscou a colaboração de mais 3 músicos, todos norte-americanos: Denny Seiwell, Dave Spinoza e Hugh McCracken. Não há informes sobre a espécie de trabalho que eles realizaram no disco.

A capa de «Ram» é toda em tons vivos e foi montada pelo próprio McCartney. O que aparece é uma desorganizada superposição de fotos de insetos e rabiscos infantis.

Faixa de provável sucesso no Brasil: «Too Many People».

A NOVIDADE EM DISCO TEM NOME: «POCHOCHO»

Podem rir à vontade porque o nome é mesmo engraçado. Mas «Pochoco» não é nome de artista nem tampouco apelido para algum fracassado cantor de boleros e guarânias. «Pochoco» é uma nova loja especializada em discos, em sucessos. E inaugura amanhã, dia 15, quinta-feira, com as milongas de praxe, incluindo rápidos discursos e generosos litros de mais puro uísque e derivados afins.

«Pochoco» vai funcionar na Marçal Floriano, 349, especialmente preocupado com essa turma que só quer curtição da pesada. Todas as novidades e sucessos a preços reduzidos (mais baixos que os da tabela vigente na praça) e com ótimos descontos. Em matéria de estampa o ambiente exige respeito, pois é todo revestido de linóleo, com estantes funcionais (abaixo com aquelas antiquadas prateleiras!) facilitando a paquera da patota nos lançamentos. Completando o esquema, mesas especiais de mármore e consóles.

Para garantir a qualidade do som, Monsieur Tavares — o fundador do «Pochoco» — instalou uma «senhora» aparelhagem Philips GF-346.

Atração exclusiva: Vateria & Cia. oferecendo produtos de artesanato, como cintos (não de segurança!), niquelados, capas de arquivo, bolsa, carteira, cigarreiras, e ainda trabalhos em cerâmica e novidades estrangeiras. Agora que a Mal. Floriano está voltando à normalidade, vale a pena uma esticada ao «Pochoco» que, não tenham dúvidas, vai bagunçar o coreto de muito mandarin da Andradas...

ESCUTAR ESCUTAR ESCUTAR ESCUTAR AINDA QUE TARDIAMENTE...

APPLE SCRUFFS — É o outro lado do compacto de George Harrison (Apple/Odeon 7 bi-49). O sucesso é «What's Life», menos interessante «Apple Scruffs» já apareceu no «All Things Must Pass» e aquelas investidas de uma harmônica bobbydylaniana provocaram arripes de emoção em muita gente séria...

JOY TO THE WORLD — Uma das quatro músicas do compacto-duplo com o Three Dog Night (Emit/Odeon 14006), lançado há um mês no Brasil. O disco está sendo pouco procurado na cidade. Distração ou burrice?...

DRINKING WATER — A nossa tão conhecida «Água de Beber» (Tom Jobim/Vinícius de Moraes), gravada por Francis Albert Sinatra no lp «Sinatra & Company» (Reprise/Cbd 1033). O arranjo de Emir Deodato é sensacional e «The Voice» quase perde o equilíbrio com os breques cheios de malícias nele introduzidos...

FAROLITO — Faixa 1, lado B, lp de João Gilberto (Philips 199.055) lançado em dezembro do ano passado e feito no México. Digam o que disserem as má-línguas, a interpretação do lara é um traço inesquecível.

ACAPULCO GOLD, compacto-simples da Top Tape com a dupla Mason & Dixon, vale pela descontração e preguiça dos intérpretes e pela li-censiosidade do balanço. Ah, tem um apitinho sacana que entusiasmo o «Judeu» em suas folgadas manhãs no Continental...

Serviço

DISCOS

MY LITTLE ONE — Compacto simples do conjunto The Marmalade (London/Odeon 48.720). Uma graça de música. Recomendável para menores de 14 anos, devidamente acompanhados de um professor de inglês para a tradução imediata da letra, que repete alguns bons achados de Paul McCartney em «Here, There and Everywhere»...

PIGGIES — Faixa 4, lado B, disco 1. Autor: George Harrison. Uma das 30 canções daquele álbum branco lançado pelos Beatles em 1969 (Apple/Odeon 81.547). O mais agudo comentário sobre a sociedade de consumo surgido nos últimos tempos. É dura apenas 3 minutos, tempo suficiente para você entender as metáforas e as imagens de Harrison. Depois, aproveite o embalo e medite com as outras 29...

COISAS DO MUNDO MINHA NEGA — De Paulinho da Viola com o próprio (lp Odeon/MOFB 5.432) ou com Narinha Leão (lp Philips 765079). Ouvir atentamente e depois comentar com a patota, durante o chope.

VOCE NÃO ENTENDE NADA — Mano Caetano mandou de Londres para o comadre Gal Costa (compacto-simples Philips 543268). O disquinho não pára nas lojas e mal chega já sai, esgotando aos potes. Há quem prefira a letra («Quando eu chego em casa nada me consola/Você está sempre aflita/Com lágrimas nos olhos de cortar cebola...»). Há quem esqueça a letra e prefira o balanço. Há quem esqueça ambas e prefira Gal. Há quem prefira «Janelas Abertas nº 2», com Maria Bethânia (lp Philips 23498).

EVITAR EVITAR EVITAR EVITAR AINDA QUE TARDIAMENTE

Certas parcerias nacionais como «Boêmio Demodê», «Baía Nº 7», «Você Mudou Demais»; e certas parcerias estrangeiras «recomendadas» pelos bcl-conistas do King's Discos...

AH, ESSA FALSA CULTURA!... — Quem diria, hein Nilo Hertz! A nossa Rádio Cultura entregue às deformações mentais de Gabellinas, Laros & similares. Só lamento pelos amigos meus que continuam lá e é por respeito a eles que interrompo a falação. Mas o Gabelline não escapa e por tudo que de abominável tem causado à classe dos radialistas locais, há de acabar vendendo cebola no mercado público de Nápoles, seu único e verdadeiro lar...

STICKY FINGERS. O FAMOSO ELEFE DO FECHO-ECLAIR. PATROCINADO PELOS STONES. JÁ ESTÁ A VENDA NAS LOJAS DA CIDADE. OUÇAM PRINCIPALMENTE «SISTER MORPHINE», CUJO EXASPERANTE ANDAMENTO ME FAZ LEMBRAR OS MELHORES E MAIS NAUSEANTES «THRILLERS» DO VELHO HIT-CHCOCK. CA ENTRE NOS: A CAPA É DE UMA FRESCURA SEM TAMANHÓI...

LONDON LONDON — Cantada por Caetano em seu lp. Atenção para a fiada de Harold McNair. A gente imagina uma Londres antoniano-esca, imóvel e desolada, sobrevoada por discos-voadores sutilmente sugeridos pelas cuspidas de McNair no bocal da «menina». É o que se costuma chamar de «grande acompanhamentos». Grande mesmo, repito eu cá humildemente...

Media

S ali mais um lbopo. Em rádio aconteceu a subida da Guáiba para o segundo lugar e a conseqüente queda da Difusora para terceiro. A Caicara (8) melhorou para quarto e a Gaúcha caiu para quinto. A Itai segue firme, em primeiro lugar no gênero analfabeto. Mas, foi na pesquisa de televisão que o lbopo apresentou a grande novidade. A Tv Gaúcha passou ao primeiro posto, com boa margem sobre a ex-líder Difusora. Isto cala bastante, já apelou para a ignorância (Ivan Castro, luta livre, etc) e tende a ser superada também pela Tv Piratini, que já acusou grandes melhoras. Tudo o que estamos falando, deve ser encarado em termos do lbopo. Do ponto de vista qualitativo, o negócio continua cada vez mais apresentando consistência pastosa e cheiro fétido. Mas eu dizia que a Gaúcha era a líder do lbopo e a Tv Difusora começava a escalada para o inferno. Explico: O canal 12 repete o esquema e os programas da Tv Globo se ampara numa trilha lbopoeana infalível, as novelas «Minha Doce Namorada», «Irmãos Coragem» e «O Cafano» estrategicamente distribuídas nos horários de 19, e 21 e 22 horas, respectivamente. E, como novela é que dá lbopo firme, diário, com este esquema o doze papa fácil o horário nobre. O espaço entre oito e nove horas da noite pode ser preenchido com qualquer col-

sa, mesmo um pouco mais inteligente, como «Faça Humor não faça guerra», «Som Livres», os especiais do Chico Anísio, ou coisas absolutamente imbecis, como «Alô Brasil, aqui é abraço» e «Balanço, mas não cai». Dá tudo no mesmo. O público tolera o humor inteligente do Chico Anísio, no aguardo do João Coragem, da mesma forma que ri desbragadamente dos quadros deste mico chamado lilico. Para o público do lbopo tanto faz. O importante é não perder a novela. Por isso, ficam no doze. Depois das dez o programação melhora um pouco, em termos de qualidade. Em conseqüência, o índice de desligados cai de 22,2, das 8 às 10, para \$4,7, das 10 à meia-noite. Para a Gaúcha não tem problema, porque a pesquisa nesta faixa horária deixa de ser de flagrante, para ser de lembrança: o pesquisador pergunta, «que canal e programa V. assistiu ontem, depois das dez horas?». Resposta: «O doze. O Cafano. O profeta estava sensacional, ontem, não é?». E, por causa do Cafano, a Gaúcha pode apresentar, depois, um noticioso, mesmo que «programas de informação não dêem audiência». Ou um programa de debates(?) estrelado por figurinhos como o professor Pedro, Américo e Leal e o poeta campeiro que «levara por título Glauco Saraiva». Os filmes, que apesar de sempre velhos às vezes são bons, podem ficar para depois da meia-noite, fora do horário

de pesquisa...
Esse é o esquema de segunda a sábado. Domingo é diferente. É dia de grossura geral, maratônica.
E o Gaúcha nos dá uma dose de porrão, começando com o sorridente Silvio Santos, e, emendado nele, o Chacrinha. Mas ainda assim, o domingo é duro para a repetidora da Globo. É que tem a maratona da estupidez de gravata no canal 5. O Flávio Cavalcanti bota e tira os óculos, reclama hipocritamente da sua «produção, se compadece e chora com o drama da menina grávida e virgem (sem anjo Gabriel). Nesta turma, a colhedorice de dona Hebe, (no canal 10) não dava mais pé: foi substituída pelo vereador Ivan Castro, por enquanto sem maior resultado prático. A série de filmes de cinema que a Difusora apresenta aos domingos é a melhor e a mais atualizada de nossa televisão. Mas não consegue audiência no lbopo. A concorrência de Flávio e Chacrinha não lhe dá chance. A Piratini, que até agora vivia só da estultice pontosa do «senhor Flávio», vem melhorando aos poucos, graças a uma novela chamada «A Fébrica» colocada na faixa das oito. Quer dizer: sem sofrer a concorrência direta do trio de ferro da Gaúcha e ganhando os pontinhos que poderão fazê-la superar a Difusora no próximo lbopo. Não sei se fui pessimista. Mas televisão no Rio Grande do Sul é isso.
NILO HERTZ

moby dick

Se um dinossauro ou um fua entrassem na sala quando você, sua vó, sua mulher e seus irmãos estivessem enredados num capítulo de «Irmãos Coragem», você daria muita importância? A sala é sua, a TV está paga, os dinossauros estão extintos lugar de fua é na garagem. A violência da TV é a segurança que ela fornece ao decór: nã há aventura nenhuma, nunca houve, em sentar ao pé do fogo e ouvir a repetição ininterrupta dos mitos da tribo, já tão manjados e por isso tão fortes. A TV na sala é a fogueira na caverna; apazigua os ânimos da frustração sexual, reconcilia as experiências mais opostas pelo silêncio e pela cumplicidade. E, quem sabe pelo bombardeamento de elétrons. O conteúdo da TV é a Sala de estar.
Agora o cinema: se o sujeito que assiste, ao seu lado, «Um Cidadão Acima de Qualquer Suspeita» abre um pacote de amendoim, desenrola uma bala, ou faz xixi no bôso, ao natural, põe a coroa da FPK Walker que todos levamos na alma. Porque este rudo é como o galho que cede sob a pata da fera e faz com que os pássaros silenciosos ou que macacos fujam ruidosamente para outra região. Ah, é a ameaça viva, você está sempre à mercê de uma fera! Godard, Petri ou um «short»

sem rumo do Andy Warhol. O cinema pode ser uma colina ingreme (se for o Scala) ou um pouco (se for o Mini-Baltimore) mas de qualquer forma é permanentemente um lugar onde o equilíbrio é precário. Não há um padrão de valores que se repita num folclore, num musical ou num melodrama. E esta falta de padrões deixa o espectador à mercê de um filme que invista violentamente contra ele, espectador e cidadão acima de qualquer suspeita. O conteúdo do cinema é demasiado político, ético, social, psicológico, para que alguém possa se refugiar ali. A sala de espetáculos, com suas cadeiras em séries como árvores, com a voz que vem do além, com desconhecidos por todos os lados (Jack the Ripper pode estar ali) e com aquele metralhar de imagens carregadas de ideologia, é uma selva. Ali não há paz e sem concretas propostas de orgamos diversos. Se a TV liga nos centros nervosos e motores lá seus, o cinema bombardeia as camadas do seu ego reforcido de civilizado. Começa a perceber o cinema com um campo de caça, só seu. Mas escolha só as presas de porte, como Melville, como Hemingway, prefire a caça grossa. Pode ser que você perca tudo. Mas se ganhar você estará ao lado de poucos. E parará de pescar na Redenção...
JOSE ONOFRE

PRA QUEM FICA, TCHAU!

Foi o que disse ao partir Solano Ribeiro, último cara — primeiro e único — que manijou tevê neste país. O Solano foi responsável pela criação do Som Livre Exportação, dirigiu o musical até o estúro Anhembi, depois brigou com o Valter Clark, brigou porque queria parar ali. Começar tudo de novo, lançando gente nova. Mas o cacique da Globo não quis parar quando devia. Tá dando lbopo, fica como tá. O programa foi caindo, caindo, até chegar ao nível de hoje: Basta, cocô pra fugir à censura prévia... Mas

voltando ao Solano: ele partiu. Foi pra Baden-Baden (Germany) produzir e dirigir filmes para a televisão alemã. Depois vai a Londres fazer um programa com Caetano, Gilberto Gil e Macalé. Este tape ele pretende vender o péso de ouro prós indígenas do Jardim Botânico. Declarações do Solano um dia antes de viajar, no Antonio's —
— Estamos na era da curtição e muito pouca gente sacou.
— O jeito é partir por visual com som, o resto é cascata do tempo do auditório da Nacional.
— Tudo o que estão fazendo na tevê agora é lixo. Tem que acabar. (COI)

DISCOS

NOVIDADES — JOHNNY JOHNSON, compacto-duplo (Odeon 30.817), acompanhando o lançamento do LP (EMI/Odeon 9.006), já comentado no «Pato» nº 12. O crioulo aparece em duas músicas não editadas no álbum: «Mr. Tambourine Man (Bob Dylan)» e «Soul Sahara (Oakley)». No outro lado, «Sweet Inspiration» (Cameron) e «On the Pony Express (Macaulay)», seus maiores sucessos nos States.

JOE COCKER — «Black-Eyed Blues» e «High Time We Went», compacto-simples (A&M/Odeon 5.061). O compacto anterior, «Feeling Alright» (A&M/Odeon 10.016), não vendeu quase nada, o que me faz desconfiar que Joe Cocker é muito citado mas pouco consumido. Acordem, bichos!

SAEM NO BRASIL AINDA ESTE MÊS.

4 WAY STREET, Crosby Stills Nash & Young (Atlantic 2902). Álbum duplo de grande repercussão nos States, o ser distribuído aqui pela Companhia Brasileira de Discos.

RAM/PAUL AND LINDA McCARTNEY (Apple 3375). Segundo lp de McCartney, pronta para lançamento nos próximos 10 dias, pela Odeon. A capa original será mantida na edição brasileira...

RAINY DAYS AND MONDAYS, Carpenters (A&M 1260). A Odeon espera que este novo compacto dos Carpenters (sensação nos States) possa abafar o fracasso, no Brasil, de «For All We Know», recentemente colocado à venda.

NOVIDADES SOUL/USA

MR. BIG STUFF, Jean Knight (Stax) — I DON'T WANT TO DO WRONG, Gladys Knight (Tama Motown) — DON'T KNOCK MY LOVE, Wilson Pickett (Atlantic) — SHE'S NOT JUST ANOTHER WOMAN, 8th Days (Gordy) — NEVER CAN SAY GOODBYE, Isaac Hayes (Stax) — STOP LOOK & LISTEN, Stylistics (Reprise) — WANT ADS, Honey Cone (Hot Wax) incluída no lp «Admir, Um Ano Depois», lançado nesta semana pela Top-Tape.

NOVIDADES LPs VARIADOS/USA

L. A. WOMAN, The Doors (Elektra 75011) — SKY'S THE LIMIT, Temptations (Gordy 957) — BROKEN BARRICADES, Procol Harum (A&M 4294) — THE POINT, Nilsson (RCA 1003) — TARKIO, Brewer & Shipley (Kama Sutra 2024) — LOVE'S LINES, ANGLES AND RHYMES, 5th Dimension (Bell 6060) — SUMMER SIDE OF LIFE, Gordon Lightfoot (Reprise 2037) — PUT YOUR HAND IN THE HAND, Ocean (Kama Sutra 2033) — MESSAGE TO THE PEOPLE, Buddy Miles (Mercury 6133) — EVERY PICTURE TELLS A STORY, Rod Stewart (Mercury 1-609) — CHEAPO PRODUCTIONS PRESENTS REAL LIVE JOHN SEBASTIAN, John Sebastian (Reprise 2036).

Importe qualquer um desses lançamentos através de SOM 24, Independência, loja 24, Galeria Moinhos de Ven to (P. ALEGRE); MODERN SOUND, Barata Ribeiro, 502-C/SYMPHONIE, Santa Clara, 115-B (RIO) e MUSEU DO DISCO, rua D. José de Barros, 329 (S. PAULO). Lps a 45,00 — álbuns duplos a 90,00 — compactos simples a 12,00 — compactos duplos a 20,00 — cassetes a 45,00.

CINEMA

O PATO TIRA UMA DE LETRA

«MARIA BETHANIA» (Caetano Veloso) — lp Famous G/W 6349007

Everybody knows that our city is rebuilt to be destroyed (bis) You get annoyed/You buy a flat/You hide behind the map/She has given her soul to the devil/But the devil gave his soul to god (bis)/ Before the flat, after the block/ Before you can see/ She has given her soul to the devil/ And bought a flat by the sea/But I know she was born to do everything wrong with all of that/Maria Bethania, please send me a letter/I wish to know things are getting better/better, better, better, beta, Betânia... (Bis) / Everybody knows that it's so hard to dig/ And get to the roof/You kick the fruit/You go ahead/You wake up on your bed/But I love her face 'cause it has nothing to do with all I said... (Bis)/ Maria Bethania, please, etc...

PARADA FRANCESA (semana de 3 a 10 de julho)

- OH JOLIE SARAH (Philips) Johnny Hallyday
- HERE'S TO YOU (RCA) Joan Baez ver comentário
- LES ROIS MAGES (Philips) Sheila
- JE T'AIME JE T'AIME (Philips) M. Sardou
- SYMPHONIE 40 (Polydor) Miguel De Los Rios
- BROWN SUGAR (Kinney) Rolling Stones
- UN BANC UN ARBRE UNE RUE (Philips) Severine
- SHE'S A LADY (Decca) Tom Jones
- HOLD ON WHAT YOU'VE GOT (A&M) Bill & Buster
- NON RIEN N'A CHANGE (Barclay) Poppies
- Também na Parada Brasileira

Media

Antônio Bolkan disse!



Graça Nunes, Rachel Marcoviz, Valquíria Marques e Maria Lúcia Rabinowicz.

Eu sei, eu sei que você aí está acostumado à representação de fim de ano no Colégio das Freiras e aquela peça do Jockyman que passou por aí, como era mesmo o nome? — mas, meu caro, não é só de Grenal que Pôrto Alegre vive. Vocês aí não fazem uma lotação de automóvel de praça para vir à capital, rodando 300 quilômetros, saindo de casa de madrugada, almoçando mal e tocando pro estádio só para ver um Grenal? Depois voltar logo depois do jogo, chegando em casa padre e ir trabalhar normalmente no dia seguinte que é segunda-feira? Então?

Uma semana de férias, só uma semana, não mais do que isso e vocês têm como enchê-la tranquilamente aqui na capital. Mas, não deixe de incluir o «Agamemnon», feito pelo pessoal da CAD, na velha Auditório Tassa Correa, no antigo Belas Artes, ali na rua Senhor dos Passos.

Vou lhe contar como aconteceu comigo: eu vinha cansado, de uma noite mal dormida, depois de um bate-papo com visque que fôra até à 1 da manhã. Levantei à hora de costume (6h30m) e toquei para o trabalho. Depois, como era um sábado, um almoço ligeirinho e cinema. Depois, um casamento. A esta altura eu já estava caindo na raia. Esperei de pé, pelo início da sessão, no hall do teatro, por que eles não deixam a gente entrar, sonhando com a placidez de uma cômoda poltrona. Mas, toda minha esperança virou fumaça, meu caro.

Padre como eu estava, ainda com um diabo de um sapato novo que eu inventara de batar, me apertando o pé entrei no auditório e que surpresa! Não tinha poltronas, meu caro, não tinha bancos.

No hora foi um horror. Mas aí começou o espetáculo.

«Agamemnon» meu caro, de Esquilo. Na concepção do Luiz Paulo Vasconcelos. E então vi que público e atôres estavam na mesma onda. Quer dizer: não havia muita diferença. Os atôres nos contavam coisas em particular, sussuravam, a ação se desenvolvia simultaneamente às vêzes e você tinha que escolher para onde olhar, mas as cenas principais o prendiam num ponto só.

O negócio é o seguinte: eles pegaram aquelas laís de «Estruturas Mills» e montaram andaimos, passarelas, escadas, tabladões. E ali se passa toda a coisa. Queimam incenso, acendem archotes, você alha para um lado, logo é chamada para outro ponto, enfim, quer uma frase de efeito? É a restauração da cerimônia no teatro.

Exatamente. Esqueci o sapato apertando, esqueci o cansaço, esqueci tudo. Fiquei hora e meia, metido dentro daquele espetáculo e lamentando quando terminou. Ah, quando acabou ficou todo mundo com cara meio perplexa, se olhando assim, sacumé? É um choque. A gente leva um choque.

Nesta criação do pessoal da CAD desaparece completamente a distância do palco para a plateia, aquela posição tradicional do cara que fica «vendo o que acontece lá no palco». Nada disso.

Pois aí tem você o programa.

* Ah, isso aqui era uma carta para um amigo que curte o Interior durante o ano inteiro. Mas como fiquei com a cópia, acho que o Fatomacho é o lugar adequado para torná-la uma «circular» entre os meus amigos do Interior e da Capital.

Vá ver que coisa sério. Quem é que disse que não tem gente pensando com a cabeça nesta cidade?

Em tempo: é «Agamemnon». Isso mesmo, accentue o E.



Choque! É o que dá a pintura de Leo Dexheimer. A primeira impressão quando se entra na atmosfera calma e luminosa da Esphera Galeria de Arte é a de surpresa por se re-encontrar ali, inesperadamente, a mesma violência que abandonamos segundos antes, ao deixar o trânsito vertiginoso e angustiada da avenida Independência.

Leo documenta, nesta sua insólita exposição, a vida urbana dos dias que vivemos. Usa para dar seu recado os símbolos da linguagem diabólica da comunicação moderna. O vermelho, com a sensualidade proibitiva do perigo nas luzes do trânsito, os rostos angustiados e misteriosos da noite, a máquina trepidante da chuva, agridem e protestam através dos materiais com que são plasmados. Seus quadros são feitos com poliestireno, laca, alumínio. A técnica da pis-

tola, a retícula gráfica (que faz parte da simbologia visual cotidiana dos cartazes de rua e dos jornais) são materiais de hoje, os testemunas plásticos de nossa era.

Quem conhece Leo Dexheimer sabe que ele sempre foi um contestado. Um pintor de coragem que sempre tem razão e sabe dizer as coisas. Deixar de ver sua exposição é como deixar de ver «Dias de Jôgo». Quem viu o filme compreende bem porque.

Empolgante, sensacional, inédito, eletrizante, são adjetivos de nossos vocabulários de mesa. E são os adjetivos apropriados para esta mostra de Leo Dexheimer. E tem mais: vale a pena adquirir os quadros. Não são caros, e são investimento mais seguro que jogar na bolsa. O cara vai estourar violentamente no mercado nacional sem demora. Vocês vão ver.

CINEMA

A PROCURA DA VERDADE (Getting Straight) — de Richard Rush (?) com Elliot Gould e Candice Bergen. Está cortado em seu final por motivos de imoralidade. No Cacique (2 — 4,45 — 7,30 e 10,00). Asor e Ritz (15 — 19,30 e 22).

INVESTIGAÇÃO SOBRE UM CIDADÃO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA — de Elio Petri (O Assassino) — «Os Dias São Numerados», «Condensado Pela Máfia», «A Declamação», «Um Lugar Tranquilo No Campo» com Gian Maria Volonté, Fiorinda Bolkan e Salvo Randone. Um filme excepcional. No Scala. (13,30 — 15,40 — 17,50 — 20,00 — 22,10).

OS REBELDES (The Reivers) — de Mark Rydell. Apenas Uma Mulher/The Fox com Steve McQueen, Sharon Farrell. Um belo filme baseado em Willian Faulkner. Narrado por Burgess Meredith. No Imperial (2 — 4 — 6 — 8 — 10).

OS PASSAROS DAS PLUMAS DE CRISTAL (Uccello Dalle Piume di Cristallo) — de Dário Argento (primeiro trabalho). Com Tony Musante, Suzy Kendall, Enrico Maria Salerno e Eva Renzi. Música de Morricone. No Coral, ABC. (20 e 22) e no Lido (2 — 4 — 6 — 8 — 10).

ERA UMA VEZ... NO OESTE (Cera Una Volta... Nel West) — de Sergio Leone. Com Claudia Cardinale, Charles Bronson, Henry Fonda, Jason Robards. No Baltimore-Cinerama (15 — 19,30 e 22,00).

LAWRENCE DA ARABIA (Lawrence of Arabia) — de David Lean (Dr. Jivago). A Filha de Ryan com Peter O'Toole, Omar Shariff, Anthony Quinn, Alec Guinness, Claude Rains, José Ferrer e Anthony Quayle. No Roma (15 e 20,30).

MASH (Mash) — De Robert Altman com Elliot Gould, Donald Sutherland, Robert Duvall. No Vogue (3 — 7,45 — 10).

ROMEU E JULIETA — de Franco Zeffirelli com Olivia Hussey e Leonard Whiting. No Mini-Baltimore (15 — 19,30 — 22,00).

DRUMMOND

A Editora José Olympio está lançando em convênio com o Instituto Nacional do Livro a Coleção Jovem. Uma seleção dos autores mais representativos da moderna literatura brasileira com caráter para-didático.

O primeiro da série é Carlos Drummond de Andrade e ele próprio seleciona os momentos mais importantes de sua obra. Apareça ainda, uma bibliografia completa do autor e uma crítica do prof. Gilberto Mendonça Teles. Todos os textos têm comentários e análises. Prosa e Verso.

EXCELENTE. Importante: somente Cr\$ 7,00.

ERÓTICA

A artenova está lançando o quarto volume da série Erótica Lexikon, da qual fazem parte «A mulher sensual» e «O homem sensual». Chama-se A MULHER SEM FRENTEIRAS de Alice Akew.

BOM. Cr\$ 15,00.

SCIENCE-FICTION

O Zé Onofre já deu a dica (PATO nº 8) e eu reforço. O melhor cara no ramo é KURT VONNEGUT. As Edições O Cruzeiro lançaram CAMA-DE-GATO na sua coleção Galáxia 2000.

EXCELENTE. Cr\$ 13,00.



livros

GORKI

A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA ACABA DE LANÇAR MAIS UMA OBRA DO AUTOR RUSSO. DESTA VEZ É «OS ARTAMONOV». TEMOS CERTAS DUVIDAS QUANTO A TRADUÇÃO, JA QUE FOI FEITA DO ESPANHOL E NÃO DIRETAMENTE DO RUSSO. ENTRETANTO, GORKI É SEMPRE GORKI E VALE IDEOLÓGICAMENTE.

MUITO BOM. Cr\$ 20,00

POLICIAIS

Para os amantes do gênero indicamos os seguintes. E começa com ED MCBAIN, que tem editado pela Nova Fronteira O ASSALTANTE EDUCADO (você encontra um exemplar no Kosmos por Cr\$ 13,00). OITENTA MILHOES DE OLHOS, O MACHADO NA MENTE e O TRAFICANTE DO VICIO. Este último tem um exemplar na Livraria N. S. das Dores, (Riachuelo 266) e custa Cr\$ 6,00 (bem cantado leva por cinco).

A Artenova lançou O GOLPE DE JOHN ANDERSON, de Lawrence Sanders. O livro apresenta uma forma de narrativa muito interessante, apoiando-se em gravações, conversas, cartas, e observações de terceiros.

MUITO BOM. Cr\$ 19,00.

REALISMO FANTÁSTICO

O DESPERTAR DOS MAGIÇOS, de Louis Pauwels e Jacques Bergier é a grande pedida no assunto. Bota qualquer deus astronauta no chinelo. É editado pela Difusão Européia do Livro e custa Cr\$ 17,00. Já está na 5ª edição.

EXCELENTE.

A revista PLANETA, em espanhol custa Cr\$ 10,00. É dirigida pela dupla Pauwels/Bergier e é sensacional. Distribuído pela Livraria Pôrto Alegre. Tem na Kosmos também.

PRÊMIO NOBEL

O ACASO E A NECESSIDADE, de Jacques Monod, aborda aspectos filosóficos da biologia moderna à luz de Teilhard de Chardin. Lançamento da Vozes.

MUITO BOM. Cr\$ 15,00.

TRANSCENDENTAL

Em lançamento da Civilização Brasileira aparece LAO — TSE com o LIVRO DO CAMINHO PERFEITO. É uma boa pedida para quem se liga nesse papo. Cr\$ 16,00.

ESPAÑHÓIS

Todos os autores latino-americanos de sucesso, ou mesmo os espanhóis, você encontra na LIVRARIA PORTO ALEGRE (Riachuelo 1316), normalmente muito mais baratos. OS FUNERALES DE LA MAMÁ GRANDE, de Gabriel Garcia Márquez, você encontra lá por Cr\$ 6,00 enquanto a tradução está a Cr\$ 12,00. E convenhamos, Pagar e dobrar, só para ler em português ou que pode ler em espanhol é muito relaxamento.

Jorge Luiz Borges foi editado pela Sabá. O livro é NOVA ANTOLOGIA PESSOAL e custa Cr\$ 16,00. A tradução é dolorosa. Passe ao largo.

SOVIÉTICOS

Livros técnicos com baixo preço. Escreva para a LIVRARIA TECNOCIENTIFICA, Rua Barão de Itapetinga, 88 loja 6-A. Eles mandam catálogos periódicamente, mesmo que você não compre nada. Além disso, anualmente eles fazem uma promoção onde vendem livros até com 50% de desconto. Ah, sim. A livraria é em São Paulo.

FRANCESES

Na Leonardo Da Vinci os grandes sucessos franceses. Seu Edgardo recomenda o livro que na França vendeu 275 mil exemplares em 3 meses. LA MAISON DE PAPIER, de François Mallet-Joris. É editado pela Grasset e custa Cr\$ 34,00. BOM.



VINHO

DUAS OU TRÊS COISAS QUE EU SEI DÉLE.

HARRY SABUGOSA

Para reiniciarmos o nosso curso, es- creverei na pedra (copiem, por favor) a relação de vinhos que devem compor uma adega mínima, necessária para re- beber certificado de frequência.

O ideal seria falar em grandes mar- cas e em caixas. Mas deixa isso pra lá. Voamos com a altura que nos permite nosso motor de liquidificador. E caixas, além do mais, só dá pra comprar na Ca- sa Argos, ali na Praça Júlio, pois faz di- ferença no preço. No Armazém Riogran- dense, p.ex., é uma mera multiplicação do preço de prateleira por 12.

Vinho mesmo é o tinto. Só ele é ca- paz de grandes desempenhos embora es- teja sujeito a desastres. Assim como o time do Santos. Já o vinho branco é a se- leção alemã. Joga certinho, é regular e lutadora. Mas não passa daí. Em nossa o- dega mínima, a predominância é do vi- nho tinto. Do vinho sangue.

De vinho branco compre: Santa E- lena Riesling, que é um chileno sensacio- nal, capaz de substituir os alemães. Na Casa Argos tem. E o riesling brasileiro, da Granja União. Pare aí.

Tintos: veja se arrisca um Médoc, no Armazém Riograndense. É caro, mas é o único bordeaux à mão e você tem de ter um bordeaux, ainda que seja mixuru- ca para os padrões franceses. Quanto aos borgonhas, evite os beaunjais. O- corre com o beaunjais o seguinte: ele é um vinho muito bom na limitada região

onde é feito. Todavia, fabricantes ines- cupulosos misturam-no com outros infe- riores, resultando muito mais beaunjais do que toda região pode produzir. Triste confessar, no entanto, que mesmo falsifi- cado, ainda está muito acima do nacio- nal. Se você pode ir a Libres, ou tem um amigo em Urugusiana, consiga vinho tin- to argentino. Um Vieja Abadía, p.ex. es- tão iguais aos espanhóis. Dêstes, prefira Visconde de Ayala (no kin of Walmir). E, de nacional, adquira o Merlot da Granja União. Para vinho do Pôrto: Ferrairinha. Conhaque: Macleira (na Paçolan tem por bom preço) 5 estrelas. Champagne: Pe- terlongo brut.

Agora, atenção. Trate o vinho tinto com cuidado. Não é como coca-cola, cer- veja, uísque que o cara abre, bebe e pronto. Com o vinho não trate com ca- rinho. Se chacoalhar, ele fica sanitido e esconde seu melhor sabor. Por isso, nunca tome o tinto recém comprado. Deixe- lhe descansar, deitado, no mínimo um mês, de modo que o líquido fique tocan- do na rolha, ajudando a impedir a entra- da do ar e a alteração consequente.

Intervalo para a merenda. Lascas de pa- meirão com Merlot.

ROUPAS & MODA

CUECAO: Galeria Moi- nhos de Vento, ali «onde a Independência tem en- contro com a Ramiro». A grande promoção deste mês, somente para estu- dantes, são as calças a- mericanas, com descon- to de 20%. São unissex e existem em tôdas as cô- res. Preços: 59,00; 65,00 e 79,00.

PÉ DE MEIA: com o friozinho que anda por a- qui, a grande bossa neste inverno, são as meias, que você poderá encontrar em tôdas as côres, em todos os tamanhos e marcas, na loja 33 da Galeria Moi- nhos de Vento. Lá você encontra as meias acima dos joelhos, para usar com os shorts, por apenas 13,50. Uma barbada.

OLENKA: A casa espe- cializada em acessórios. Realmente são lindos e merecem, pelo menos, se- rem vistos. Por lá existe um cinto, que pode ser transformado em colar e faz o gênero boleadeira. Lá ainda existem os famo- sos anéis indianos, para usar no dedo do meio, que custam 30,00. Mas a gran- de bossa que aquela loji- nha está lançando, são os cintos de macramê, nas mais diversas tonalidades. Custam 75,00.

VILA BIANCA: A última bossa, para cama e para mesa, são as flôres. Re- almente umas graças. O lençol, com três peças, em cretone estampado, você encontra por 130,50. Já o de percal também estam- pado, com quatro peças, por apenas 201,00. Coisas difíceis de encontrar, são as toalhas redondas. Pois lá existem as mais cheias de bossas, com estampa- rias geniais, por 53,30 e ainda meia dúzia de guar- danapos. Outras graças.

BEM-ME-QUER: Além das roupas para os nenês você poderá encontrar roupas para a futura-ma- mã. Para os nenês, a grande bossa, são os jo- gos de lençol e fronhas, com a mesma estamparias. Eles ficam umas gracinhas vestidos com este con- junto.

Para a futura, as jardi- neiras de veludo por ape- nas 170,00.

BARATINHA: Na Bara- tinha, as bossas são diri- gidas para os nenês maio- res. Calça kiniker e blu- são em malha, para as meninas, são o que há de moderno. Custa 130,00. Para a rapaziada, calças de malhas, em tôdas as côres, por 55,00.

Para as meninas, ain- da, vestidos camponesa e tirolesa, por 90,00 e 110,00.

GUIA DE RESTAURANTES

EM JULGAMENTO

ELENA DE MONTENE- GRO (rebatizado de Centro Italo-Brasileiro), à rua Gen. João Telles, 317, fone: 24-5833, a- berto para almoços e jantares.

Considerações gerais — É o restaurante mais enrustido de P. Alegre. Poucos manjam sua lo- calização e cozinha. Frequentado por imi- grantes italianos, estu- dantes, trabalhadores, giovanotos e ragazzas. Não vá em busca de decoração e outros fri- cotes. Mas se quer côr local e atmosfera de neo-realismo, vá correndo. Enquanto vo- cê come, os velhinhos gritam no salão da frente — jogando escô- val! Já pensou?

Pedida obrigatória: bife parmeggiani c/spa- ghetti (nota 10).

Cardápio: não tem. Aos sábados apresenta mocotó, lasanha, ravioli. Poderia ser mais variado e constante. (no- ta 3).

Serviço: informalíssi- mo e cordial — «Ciao, dottore, come va?» (nota 7). Ambiente: po- voador por extras de filme do De Sicca (no- ta 10). Vinho colonial: 7. Pão: 6. Limpeza: 6. Mólho de Tomate: 7. Mocotó: 7. Maior de- feito: ar encanado (no- ta 0).

Média geral: 6,1.

RANKING DOS RESTAURANTES JULGADOS

Campeão: Floresta Negra (7,5) (preço mé- dio/casal: Cr\$ 50)

2º lugar: Plaza Hotel (7,0) (preço médio/ca- sal: Cr\$ 70)

3º lugar: ELENA MONTENEGRO (6,1) (preço/casal: Cr\$ 14)

COMIDA & Cia.

No **NIGER** é comida árabe. U- ma refeição, com 5 pratos, sai por Cr\$ 15,00. Couvert: Cr\$ 1,50. Chopp: Cr\$ 1,00. Lá na bariân- dia, em Petrópolis.

No **BARRIQUINHO** tem um carrreteiro de filé (azeitonas e especiarias à côté) do arco. Só Cr\$ 4,50. Beba vinhos ou chopp aos preços habituais. Fica na Cristóvão Colombo, passando a Ramiro, bem defronte ao pós- to Scheil.

Retorne à **TIA DULCE**, mas evite o vinho em jerra feito pelos padres da Barros Cassal. Além da óbvia sopa de cebolas, há um rim grelhado digno de toda a admiração. Preços razoáveis, principalmente se vo- cê já enfrentou face to face a conta do Buttikin.

LÍDER, o primeiro bar alemão de Pôrto Alegre que foi ocupa- do pelo povo. O filé só dura até às 7 da noite, mas pode-se enfrentar com gôsto o lingua- do ou a costeleta de porco. Entre Cr\$ 5,00 e Cr\$ 15,00.

No **BARCACA**, Garibaldi esq. Cristóvão Colombo: Carnes de 8,50 a 10,00, peixes e camarões (de 7,50 a 12,50), aves (de 7,50 a 8,50). Especialidades: Filé em geral, filé c/mólho da cham- pignon (10,00) e Camarões Gi- gantes à Grega (12,50). O cou- vert é 1,00; Sanduíches de 2,50 a 4,00; Vinhos da Granja União a 8,00 e o Majou Tonnet a 16,00. O chopp é 1,00; cerveja (só brahma) peça a do conge- lador; scotch a 10,00 mas o Old Eight está a 4,00. Às vezes tem piano (a boa música de 50/60) os 10% vêm com a nota e o garçom é o Souza, que foiga nas segundas-feiras.

ESPETÁCULOS

Concertos — No III Seminário Internacional de Violão, ali no São Pedro; hoje, o guitarrista Abel Carlevaro e Quarteto de Guitarra. No dia 17 o duo argentino de guitarristas Pom- ponio e Zarate. Ingressos na Drogaria Panitz, rua da Praia.

Concerto Para a Juventude — Na UFRGS, domingo, às 10h30min. OSP. Transmitido pelo Canal 12.

Concerto do MEC — No Do- mingo, às 10h, pelo Canal 10 e Rede nacional de rádio. Via Embraetel.

E na 4ª-feira que vem, pela Pró-Arté, Roberto Szidon.

TEATRO

FLICTS — Do Ziraldo, lá no auditório do Círculo Social Is- raelita. Sábados e domingos, às 20h30min. É permitido e o- brigatório levar a gurizada. A direção é de Maria Helena Lo- pes, projeções de Maria de Lourdes Hecker e música do Cláudio Levita, gente aqui do «pato». Sábados e domingos.

AGAMENON — do Esquilo, mais os ritos do candomblé. A direção é de Luis Paulo Vas- concelos, o figurino é da Dilu Hecker e a música de Luis Paulo e Leo Perlauto. Sábados e domingos, às 21h, no auditó- rio do Instituto de Artes, na Senhor dos Passos.

VIVENDO EM CIMA DA AR- VORE — O texto é de Peter Ustinov e a interpretação é do Zieminski. No Leopoldina e com preços populares: Cr\$ 3,00. As 21h.

O BAILE DOS LADROES — E do velho Jean Anouilh, tem a direção do Carlos Carvalho, figurinos da Magliani e do El- ton Manganelli. No Teatro de Câmara da Prefeitura Municipa- l. Sábados e domingos, às 21h.

EXPOSIÇÕES

— Léo Dexhei- mer, na Esphera (que tem um bom acervo). Das 14h às 22h. No «hall» do Teatro de Câma- ra da P.M., a série «Desamor», da Magliani, a partir das 20h. Na «Ora-Morandi», uma série de gravadores gâuchos: Roma- nita Martins, Anestor Tavares, Léo Dexheimer, Danúbio Gon- çalves, Zorávia Bettiol, Paulo Porcella, Henrique Fu- hro, Vera Chaves Barcellos e Eduardo Cruz. De manhã (ho- rário comercial) e à noite, Vi- vian, na Galeria Leopoldina. Elizabeth Hoerde, na Galeria do I.C.B.A. Cerâmica e Pintu- ra, na Edelweis. Simão Gold- man, com gesso, tempera e re- lève, na Andradas, 1155, 13º an- dar. Líbido Ferraz, na Corre- tora Federal. Nelson Faedrich no Touring. Mariano Rago, na Movei-Studio e uma coletiva na Panetti.

CURSOS

Dicção — Na Escola Carmem Viana. É intensivo e inicia dia 15, amanhã, especialmente para professores e profissionais liberais. Haverá três turnos. Inscrições na Independência 993, das 15 h às 18h.

Afor — Curso de formação se- gundo o método Richard Bole- lawski. É ministrado pelo Tea- tro Ação, que está montando peças. Informações e inscri- ções na Galeria Rosário, 8º andar, sala 820.

PATOTIME

Uma gentileza da Varig

DAKAR
2:30 H DA MANHÃ
DO DIA
10-JUNHO-1971

Foi assim: de cara nos trancaram na alfândega. Todos que deviam descer em Dakar desceram, menos nós 3. O homem aqui nos deu uma «volta» em francês (que é a língua oficial daqui), dizendo que o delegado não estava no momento e que só chegaria lá pelas 8.30 da manhã. Ficamos empenhados pois não havíamos trocado o nosso dinheiro e, evidentemente a esta hora, o banco do aeroporto estava fechado. Em meio à «madruga» conhecemos Fred — gerente da Lufthansa em Dakar —, e ele nos deu seu telefone caso precisássemos.

(Pela manhã estávamos num «prego» danado.)

Chegando, o comissário marcou as nossas passagens para Paris, na «carinha», sem explicar piculinas. Telefonamos pro Fred. Ele veio e «conversou» as pintas. Aqui também tem o tal de jeitinho; mas teve que assinar uma carta de responsabilidade pelas nossas pessoas.

Dakar está difícil para cabeludos!

Mas explica-se: semana passada esteve aqui um navio com 600 hippies, que criaram muitos problemas em torno de drogas e etc. Pudera! Fomos a um hotel e em seguida trocamos a grana: aqui \$\$\$ é o franco-africano, 1 deles vale Cr\$ 0,02, vinte pilas, manjou?

A CIDADE É DIVIDIDA EM 3 PARTES

A parte européia, a árabe e a senegalesa. Os árabes controlam o comércio. Os negros não fazem nada e passam o dia inteiro tentando vender relógios, óculos, cigarros, anéis, pulseiras, prataria, objetos de madeira e etc. O etc. inclui, obviamente o kife e o haxi. Vendem muito também um tal de **Chá da Índia**, que se toma muito quente e que dá uma onda danada. Os europeus são os maiores consumidores, mas é evidente que um outro tipo de comércio está nas mãos deles... os negócios com árabes e negros é todo na base de pechincha e olho vivo.

Para os céticos uma surpresa: Fumaça, Mário Gustavo e Escôva chegaram enfim a Londres. No caminho andaram pela África — Dakar, Las Palmas, Casa Blanca (contorne já noticiamos), e mostram para aqueles que não enxergam nada além de seu fininho, as agruras e as vantagens de se sentirem vivos. O Pato revela aqui as informações dos três, uma viagem sensacional. Graças à gentileza da Varig que transportou todas estas informações. (C.F.)

Lá também os negros não gostam dos brancos.

Os garotões do Senegal falam um pouco de inglês; gostam de Jimmi Hendrix, Woodstock, e têm uma concepção legal de vida. P.S. se vê muito par preto/branco.

NO OUTRO DIA

FOMOS AO MERCADO

Andamos por tudo. Mòscas e sujeira e um mau cheiro insuportável. No terraço desta Mesquita árabe (mercado) faziam uns mexidos em panelões que as mulheres vendiam: como na Bahia. As côres das comidas são bem as côres das do norte do Brasil.

Os negros daqui são realmente os «professores» dos negros brasileiros.

Bem, vimos ainda as praias de Dakar com seus clubes finos, visitamos Yoff, uma aldeia de pescadores e assistimos, numa outra praia, a u'a operação de treinamento militar. Nos preparamos para rumar para Las Palmas: tivemos que esconder todos os filmes, inclusive este que está aí com o Pato Macho, pois não deixam sair com eles. Abrem todos, velando-os, com a desculpa de que «não querem que fotografem a pobreza». P.S. / a vida em Dakar é cara.

Fotos Mário Gustavo Buchardt, de Londres



Mário Gustavo



**LAS PALMAS
NOSSA
SEGUNDA ETAPA**

Língua oficial: espanhol.
Preços: baratíssimos.
Moeda: peseta.
Carro: alugamos um Sert 850 cc e começamos a percorrer o país.
Sul: o pessoal planta nos mórro pô! Assim: eles aproveitam a parte mais ou menos plano das encostas — entenderam? e moram em cavernas.
(Tiramos alguns nus nestas cavernas; não sei se publicáveis neste semanário).
Máquina fotográfica: compramos de barbada uma máquina russa, com lente normal e tele 300 mm, feito uma metralhadora, filtros e etc.
A cidade: é maravilhosa, com belas vistas e etc.
Em dois dias rodamos 600 km. Pra gente de grana isto aqui é uma tremenda curtição. P. S. / Valeu a pena.

N. B. / Abra com cuidado os pacotinhos de negativos, pois eles têm instruções escritas sobre as fotos. Nosso endereço para todos do Pato Macho que quiserem mandar o jornal e notícias para nós é o seguinte: — 5 Barton Road 2 nd floor

West Kensington
London W 14



**MAROC
CASA BLANCA:
MAIS BARATO!**

Aqui é mais barato ainda. De hospedagem pagamos para nós 3, apenas Cr\$ 12,00 por dia. O Escôva está muito legal. A comida é barata, também.
O Mário Gustavo vai continuar a carta, porque meu braço está doendo. (Fumaça).
Casablanca como tôdas as cidades africanas tem seu bairro árabe, chamado Medina, onde estes, fazem toda a sorte de negócios escusos.
Aqui existe gente de toda África e, a situação econômica obriga-os ao tráfico de drogas. Seus clientes usuais: os europeus, americanos e centenas de hippies e caroneiros. Na população de 2 milhões, 100 mil são franceses. E é este o lugar onde todo mundo vem comprar



drogas. Não há nenhum problema em usá-las, apenas em comprar-vender. E então a coisa engrossa. Aqui, as Medinas datam do séc. XIV, com ruas estreitíssimas, sem direção definida, como num labirinto onde, na ausência de um guia o pessoal realmente se perde. Às vezes, pra sempre.
De Casablanca fomos a Fez. Sabe lá o que é isso: 10 horas num ônibus chacoalhante. A cidade é cercada por enormes muralhas com mais de 15 metros de altura, e por dentro um labirinto incrível, também do séc. XIV, P. S. / A pobreza é incrível.

**LONDRES
ENFIM O FOG:
BUT NO NEWS!**

De Londres, Ferlauto, não temos muita coisa por enquanto. Pelo menos para contar. O Mário Gusta-



vo deve ter incluído alguns negativos de Pôrto Belo Road (uma sutil relação com a Pôrto Alegre city). De agora em diante estaremos atentos para o que der e vier. Temos já um flot (casa) numa bôca lega paca. Todo material possível enviaremos às quintas-feiras. Iornais underground irão sempre, mas quanto aos discos precisamos de mais tempo: dá uma acalmada no Nilo, os discos dêle irão nas próximas semanas. Bem, dê lembranças a todos: Pedro, Sandra, Ana Helena e todos do Pato Macho. Dos faixas Fernando Mário e Escôva.



SÍNTESE

"Este ato é uma síntese protocolar da sistemática normativa consagrada pelo mandamento constitucional" disse o governador Triches ao dar posse aos novos prefeitos das chamadas áreas de segurança. Imagine a cena. O prefeito de Putinguassu te telefona ao de Ibirapitanga: "Como vai a síntese, Fredolino?" "Ora, Anacleto, no ritmo dentro da sistemática normativa." "A consagrada?" "Evidente, pelo mandamento constitucional." "E há dinheiro?" "Bom, isso não há..." (M. Lima)

POLÍTICA



PIVÔ DA ARENA

O dr. João Dêntice sentiu um treco há duas semanas. Palpitações, falta de ar, suores frios. Levado para o Ernesto Dorneles, foi submetido a exame radiológico e cardiológico, auscultações, etc. Começaram a chegar os correligionários aflitos. Finalmente a chapa reveladora | O dr. João Dêntice havia engulido um pivô. A Arena mandou rezar missa em Ação de Graças: imagine se o dr. Dêntice tivesse engulido tãda a chapa móvel! Ia ter Te Deum.

HOSPÍCIO I

Muito boa a campanha do governo pedindo a ajuda de todos para o Hospital São Pedro. Boa como campanha. (Pudera, era da MPM, texto de Hiron Goidanich). Agora, a gente fica se perguntando o que fizeram os governos do Estado até hoje que deixaram a situação do Hospital chegar ao ponto mostrado pelos anúncios. Quem sabe se tivessem comprado menos banhados. (LFV)

HOSPÍCIO II

Acontece, bichos, que o responsável pelo HPS é o governo estadual mesmo, sem muito papo furado. Pra que se paga impôsto em dia? O ICM tá não apenas para transformar engraxates em engenheiros espaciais. Essa vergonha aí do Partenon, a gente pode ajudar a terminar, mas daí a jogar na cara do freguês que a responsabilidade é de todos, vai uma grande distância. Agora um detalhe: o governador Triches teve peito ao enfrentar o assunto. Estamos atentos às promessas que ele fez para recuperar o hospício. E vamos cobrá-las mais tarde.

ROGÉRIO

DIVERSAS

EMIL, O DO DESENHO DAS FUMAÇAS

O Emil, da ilustração da pág. 10 do nº 13 do Pato, é o mesmo do Pasquim. Luiz Carlos Maciel o considera o maior ilustrador atual do Brasil. O único na linha de DESIGN de consumo nos EUA e a em algumas partes da Europa. Mas isto não é um dado isolado: Emil é estudante da Escola Superior de Desenho Industrial/GB, donde, então, muita de sua informação nova. (Cláudio Ferlauto).

SIMANDOL

Para Alegre é demais pra mim. Sábado larguei minha carteira, discos e livros, fui ao Butikin. Só consegui enxergar o Piper e o Tatata. Os outros, provando sua resistência física ouavam descer as escadarias penetrando naquela massa de pés e cotovelos. Eu fiquei perto da porta preparada para a fuga; olhava os outros viverem. De repente, emergindo ao som do led Zapelin, apareceu alguém. Chou-me, e como só acontecer aos típicos machões da nossa província, deu-me um beijo. Senti nójo. Fugi correndo, porque descobri que não sei ir só ao Butikin. Fugi porque tenho medo de beijar desconhecidos. Entendi, então, que essa cidade é feita pra gente diferente. Ai eu morria enfocada por pés e cotovelos. (Eliana Chaves)

CAXIAS AGAIN

Os professores da Universidade de Caxias do Sul estão com seus salários atrasados desde abril. A reitoria alega que não tem dinheiro para pagá-los, mas, mesmo assim, a partir de agosto, vai abrir outro curso: o de Comunicação Social. Dois professores já estão convidados e fazem parte até de um catálogo editado pela Reitoria. São os jornalistas Mario Gardelin e Walter Galvani. O primeiro colega irá lecionar História da Cultura e dos Meios de Comunicação e o segundo ensinará Fundamentos Científicos da Comunicação. Olha aí, Galvani, ôhho vivo porque a turma custa a pagar e subir a serra no mole é brabo. ROGÉRIO

HORROR, HORROR!!

A.O. vo C.P.

Genaro, o tapeceiro

Genaro de Carvalho, em plena maturidade e gênio criador, envolvido por um tapete-mortalha, foi arrebatado da vida e penetrou no insondável. Foi-se um dos renovadores do plasticismo em terras da Bahia.

Imagine o Genaro penetrando no insondável envolto por um tapete-mortalha, para espanto dos anjos!

os elementos de um tapeçismo pesquisado e de bom desenhista e pintor, projetou-se logo, suscitando espanto da Inglaterra até a URSS com seu tapeçismo-mural, criando o primeiro atelier de tapeçaria na Boa Terra e empolgando os EUA com sua arte, que atravessou o Brasil de norte a sul.

Tapeçismo-mural pesquisado é de suscitar espanto em qualquer lugar.

O moderno plasticismo brasileiro tem por madrinha a França, de Lucio Costa, nascido e formado naquele país e Le Corbusier e do esculpturalismo de Victor Brecheret ao pictorialismo de Fortinari e Di Cavalcanti, ambos marcados pela escola de Paris.

Lucio Costa nasceu na França?!

de Djanira, de Rubico, Renot, Nicola & Douchet, Gillon, Parodi, Madeleine Collaço, Maria Digna e Edite Pessoa de Queiroz, de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo até chegarmos ao Rio Grande do Sul, com o surto de Yeddo Tizze, também formado na França e Zoravia Bettiol do movimento de Varsóvia

Zorávia Bettiol do movimento de Varsóvia?!!

Das cosmovisões tropicalmente transbordantes, Genaro de Carvalho ultimamente enveredou pela pintura da mulher, a grande ausente de nosso tapeçismo, ao contrário da arte amarela e empolgou-se com a mulher não só branca.

Que beleza! Cosmovisões tropicalmente transbordantes. E arte amarela é arte de japonês, claro.

Trocando a tapeçaria pela mulher descoberta e ausente, o nosso artista vinha de uma esplêndida mostra de mulatas e morenas no Rio de Janeiro e de sua consagração vieram as festas e a alta pressão estourou e o nosso Genaro se foi, tendo em vista fazer a síntese da pintura da mulher

Mulher descoberta e ausente, consagração, festas e alta pressão...

Quem é que não estoura, tendo em vista, fazer a síntese?

Marco do gênio brasileiro da modernidade contemporânea, Genaro de Carvalho desapareceu objetivamente, mas deixou uma rica herança e subjetivamente perdura como artista na lembrança e como mestre da jovem escola brasileira da revalorizada e ingrata arte da tapeçaria.

Desaparecer objetivamente mas perdurar subjetivamente é uma prova da ingratidão da arte da tapeçaria.

Alguma outra pergunta?

FÉRIAS

A cidade deve estar cheia de interior do estado. São as férias minha gente! Os praxeos se misturam com os profrentex nos caminhos da Bahia, Chile e até mesmo nos fazendas dos pampas (para descansar). Ouçam o Goidão: Montevideo está aí. Um mundo novo. Odette Galvão. PS/Nôvo e agitado, quem sabe V. não assiste um sequestrinho?

ARTE

O mercado de arte local teve um acréscimo de 100%. A metade é de responsabilidade do sr. Félix Araújo Santos que segundo informações da Esphera Galeria, adquiriu nos últimos dias cento e dez milhões em quadros. Só um Leo Dexheimer custou Cr\$ 1.200. Foi um dos mais baratos.

BÓLSA

O PATO NA BOLSA CAXIENSE

Mão de futuro (passado éle já tem) é aquele de Caxias do Sul. No fim do ano, dentro do espírito Rerum Novarum de participação do trabalhador nos lucros das empresas, distribuiu ações entre seus empregados. Ganhou fotografia nos jornais, homenagens e discursos. Depois provocou a baixa das ações, comprovou-as do pessoal na base da proposta livre, de patrão para empregado, e fez as ações voltarem ao preço anterior. Faturou na brincadeira Cr\$ 400.000,00, quatrocentos milhões antigos.



DE FUNDOS

A Metalúrgica Gazala vai abrir seu capital, lançando na Bolsa local 1.000.000 de ações preferenciais, mas pouca gente poderá adquiri-las. Acontece que a firma encarregada de colocá-las no mercado, Corretora Delapieve, resolveu encampar 90% das ações para engordar o fundo Delapieve. (Cai)



IMPRESSO I

De Londres

O jornal se chama SOUNDS é editado em Londres por Billy Walker. O número em minhas mãos (enviado pelo Fumaça) traz matérias sobre o conjunto Traffic (entrevista com Jim Capaldi); Joni Michel e seu novo álbum «Blue»; entrevistas com Sandy Denny e John Sebastian e fala ainda do novo disco dos Stones, «Sticky Fingers». E entre outras novidades, uma matéria sobre o Deep Purple, um dos grupos do álbum J.C. Super Star. Vai para as mãos de Vanderlei Cunha para um tratamento competente. (Cláudio Ferlauto)

IMPRESSO II

De Londres

FRENZ é um jornal diferente: na página 2 e 3 fala de «Obsolent & Obscenity», em seguida as confissões de uma stripper. As Causas da Poluição na pág. 6. Outros assuntos: educação, urbanismo, racismo, rock, teatro e, pasmem! arquitetura, bicho! Assinada por um tal de Martin Shallon que fala de cidades instantâneas versus concretão e outros papos que a gente vem querendo meter no cabeçote e nos currículos da Faculdade de Arquitetura. (Aqui não falo só por mim, mas por um grupo de pessoas vivas da Arquitetura). O jornal é editado em Londres e é de seu nº 5 de 8 de julho. (C.F.)

JORNAL UNDERGROUND TEM ENDEREÇO SOFISTICADO

SOUNDS — «Music is the Message»: 12 Dyott Street New Oxford Street London WC 1a IDA. Fácil né? (C.F.)

Transou

CURTIÇÃO



BOLETIM I

A rede de supermercados Real está distribuindo aos seus fregueses um boletim interno, em "offset". Quem comprar qualquer baulho, leva o boletim. O nome dele é "Diário de Notícias".

BOLETIM II

O diretor reuniu os redatores do "Diário de Notícias" e advertiu: - Tendo em vista as novas condições do nosso boletim, de hoje em diante só escrevam artigos de primeira necessidade.

BOLETIM III

A direção do "Diário de Notícias" acaba de recusar a última sugestão de Mr. Bird: "fornecer o boletim em branco para ser distribuído na seção de carnes."

a curtição é no

BOND'EU

PROTÁSIO 28
89

BOLETIM IV

Preocupação da seção de marketing do supermercado Real: com a distribuição gratuita do "Diário" começou a diminuir a venda de outros papéis ...

BOLETIM V

Tendo em vista o grande retorno do "casco", a gerência do "Diário" está estudando uma embalagem "one-way" (sem envoltório). Exatamente ao contrário do Percio Pinto, que foi e voltou.

BOLETIM VI

Existe uma comissão de inquérito no "Diário" para apurar o desvio de três exemplares do boletim. Foi constatado que fora do supermercado Real, domingo passado, foram vendidos três exemplares em jornaleiros. Um em Putings, outro em Bossococa e o terceiro na praça de Afândega.

BOLETIM VII

Diálogo numa banca de jornal:
- Não queres levar o novo diário?
- Tô duro. Só tenho um cigarro "Olé".
- Serve.

FURO DO PATO

Circulou ontem mais um número do Diário de Notícias.

Liga não, Diário. No fundo é inveja...

HAGEMANN



Lauro Hagemann voltou há pouco para a Farrouilha com uma grande badalação da TV Piratini e do Diário de Notícias que deram fotos dele na base da "voz inconfundível de

Lauro Hagemann de volta à PRH-2. Ora, irmãos, vamos deixar de ser carinhas de pau. O Lauro foi expulso — é bem o termo — da Farrouilha, há uns dois ou três anos, quando deu uma prova de consciência profissional rara nessas épocas. Seguinte: a Farrouilha para variar atrasara os pagamentos e o Lauro parou de trabalhar, dizendo que só voltava para o microfone se pagassem o salário dele. Os outros colegas de salários atrasados já estavam quase aderindo, quando os Cartolas Associados se manifestaram com a grana. O Lauro, "mau exemplo", foi na horfina para rua. Só que ele tinha 17 anos de casa e uma filha de serviços muito boa. O caso foi para a Justiça que, apesar de todas as pressões Associadas, decidiu pela sua reintegração com todos os salários do período em que esteve fora. Quer dizer, a voz inconfundível de Lauro Hagemann está na PRH-2 novamente, muito contra a vontade da PRH-2, que preferia ver o bicho bem longe: ele, além de grande sujeito, é um profissional consciente e os DA não estimam muito tipos assim decentes.

J.A. FINHEIRO MACHADO



LINGUAGEM I

Atenção aí, aquela turminha que transmite futebol, pelas ondas da poderosa e mais ouvida de Porto Alegre: esse negócio de dizer "pelota", "coelho", "prelho", "sobrepasa a linha divisória", "tenta o passe e fê-lo errado", além de outros babados, que estão assim ó, de tanta tela de aranha, já era, bichos. No Brasil, talvez vocês não saibam, o futebol é muito popular. Baseados nisso, por favor, vamos melhorar a linguagem, apelando para a mais pura simplicidade, pois vocês tanto são ouvidos pelos senhores aqueles que moram na avenida Carlos Gomes, como pelo chamado zé povinho. No mais, tudo certo, e viva o futebol.

LINGUAGEM II

Ainda pro pessoal da poderosa e mais ouvida em esportes: até hoje o Luiz Henrique Frust, gaúcho dos bons que trabalha no "Jornal da Tarde", em São Paulo, está esperando aquela informação complementar de Caxias: a quantos minutos, mesmo, o Paulo César do Inter, saiu os calções de barro, no jogo em Caxias?

PAULO MACEDO

IBOPE

Cortada a tempo da seção de rádio do PATO: na última pesquisa do IBOPE, dois radicamadores estão dando mais audiência que a Farrouilha.

CAIÇARA

A Caiçara é a emissora que melhor paga locutores em Porto Alegre. 700 dinheiros. Era 600, mas com o quarto lugar na pesquisa do IBOPE a direção se entusiasmou e aumentou todo mundo.

IGUAL

Diálogo íntimo entre a moçinha insistente e o rádio reporter esportivo:
- É como microfone pra cartola, meu bem. Todo mundo quer botar a boca mas tem vergonha de pedir

ESPORTE

ESPORTIVAS

Sem dinheiro, sem tccide e agora sem estádio, o Cruzeiro sobrevive. É, inquestionavelmente, na crise contemporânea da metafísica, um dos seus últimos reductos.

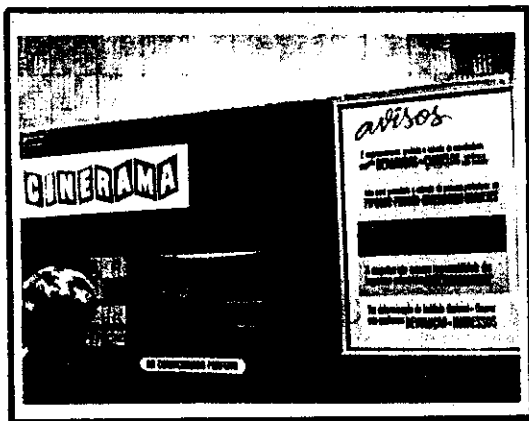
CHIQUINHO

O PATO profetiza: Chiquinho saiu do Flamengo mas não ficará desempregado. Ha uma forte ala do E.C. Pelotas disposta a contratá-lo.

Médiageral

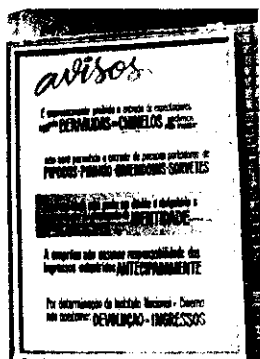
CINE BALTIMORE

...Falta um etc.

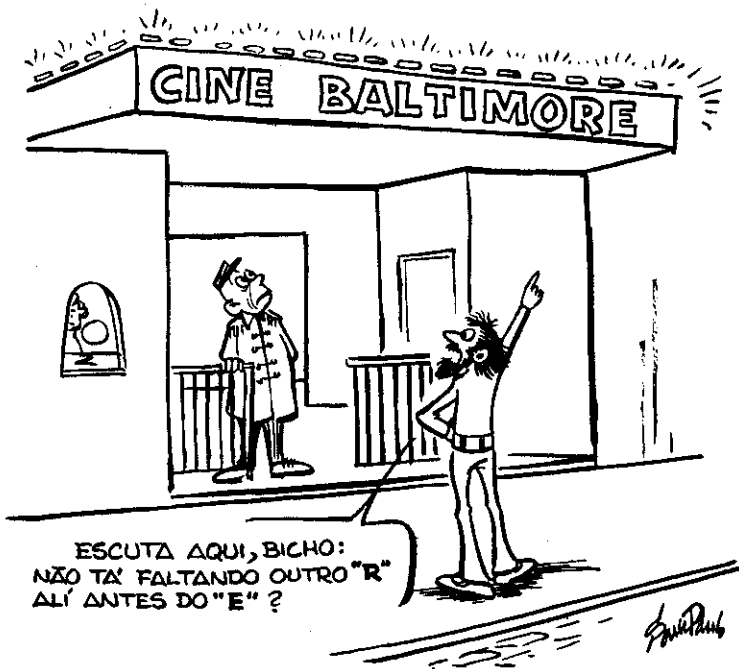


Em Glasgow fui ver um filme pornô, fumei um maço de benson hedges, o cinzeiro a gente apertava, ôle abria e fechava, comi dois sorvetes tutti frutti que a moçinha de mini skirt veio me trazer no colo, conversei o tempo todo com o Pedrinho (dr. Pedro Carneiro Pereira, diretor gerente da Standard, é bom lembrar), etc.

Ruy Carlos Ostermann



Sente sempre do lado esquerdo da namorada e se resolver apelar para o eu juro que não passo daqui faça-o com discrição porque a sua vida pseudo-sexual não interessa a ninguém escolha balas caramelo em vez de azedinha para não fazer barulho no braço direito da sua poltrona o seu cotovelo tem preferência sobre o do vizinho, no braço esquerdo o do vizinho é proibido rir muito alto principalmente se não for comédia não esqueça de limpar os



óculos ao cruzar as pernas cuide para não arranhar a poltrona da frente não reclame do foco a cópia é que é ruim se você se recusar a receber as entradas rasgadas de volta da porteira pode ser enquadrado na lei de segurança a maneira correta de sentar é primeiro sobre os dois hemisférios depois variando ninguém quer dirigir sua vida mas que diabo o cinema é nosso e se não gostou azar desejamos um bom espetáculo à nossa distinta (pois sim!) clientela. (LFV)

O Cinema Baltimore é um cinema simpático. Tem um sistema de projeção sensacional (Cinerama, não é mesmo, Goida?) cujo ponto focal se localiza mais ou menos no centro da 3ª fila, e é dali que se tem a sensação mais globalizante do sistema de projeção e onde você entra com profundidade televisiva na película. Você sabia disso? Eu gosto do Cinema Baltimore porque é também um projeto de arquitetura muito bom do Rinaldo Goldmeier e do Paiva. Mas aquela tabuinha de proibições me enche o saco: é proibido adentrar com pipocas, e etc. / proibido chinelos e sandálias de qualquer tipo» (olha aí fabricantes das Franciscanas) / não se responsabilizam por / não devolvem não sei-bem-o-quê / não pode etc. Que Moisés recebeu de que Senhor esta táboa de leis negativas? Elas não têm nenhuma razão e nenhum dado civilizatório.

Cláudio Ferlauto

CAPITÃO CRASH POR MORENO & BRASIL



22

CARTAS DE AMOR OUTRAS E ITC.

OPINIÃO
Por carcarquitectura!

RENATO ABRAÇA TODOS OS AMIGOS DIRETAMENTE DA ESPANHA

Via Varig

Faro de Cultura, Valência, 25 de junho.

Não vi nenhum Pato Macho por aqui ainda. Tratem de remetê-lo. Tenho lido o Luis Fernando Veríssimo porque uma namorada minha lê do Rio me envia suas crônicas da Folha da Manhã, juntamente com seu amor carioca. O Luis está muito bom! Li uma sobre o P.S. (soutien): GENIAL. Vou falar de EU agora (olha o tamanho do EU): enchi o saco da grã-fingagem. Tenho uns amigos do arco que são gitanos — franceses que dominam o baixo-mundo na França e aqui. Sou, pra eles, uma espécie de Irmão Branco e por isso não me deixam um só instante, e me colocam sempre no meio de vinhos, mulheres e flamenco. As turistas são amarradas nêles e não há festa sem Renato (manja o acento!). Egoísmo, falar de eu. Poderia dizer bem mais curto: sou feliz, ou quase; a M é que tem sempre um «quase». São as raízes.

Agora o pessoal: o Léo Ferlauto como vai? (Gente boa éle.) Um abraço no Nobre amigo, no Col-gangster, no Luis Fernando, nos amigos da noite e nos «nenens» todos que eu amo. RENATO ENDRESS.

FLYPOST
PARAVION

Ilustre.
O Barão Schnitz Von protestal
Solememente.

Acho que o Sr. Diretor deve dar uns cascudos no tal de Manera, que se meteu a pato furioso, no artigo Boa Direção, de 30/6 (aquela edição do pato em que o Dalro Entrega — éta, gordinho falador, éssel).

Então me diga, onde é que se viu escrever uma coisa destas? «O autor do estudo explica que não pesquisou os Aéro e IIMARATY por serem carros totalmente obsoletos (são aqueles carros altos usados pelas autoridades do Governo Estadual).

O Roberto, que tem que se manter, certamente não viu o último anúncio do Itamaraty na VEJA (reclame grátis pra revista do Toti): «Para o rico discreto». Manda esse plebeu ler o final do texto: «Pouca gente sabe (o Manera é um dos que não sabem), mas o Ford Itamaraty escondo algumas das maiores fortunas deste País». Disse! E eu acrescento: tem gente que posul até seringa! no Mato Grosso (a la Gollas) e outros afortunados bens pelaf... e que, para não dar na vista, anda de Itamaraty 66, azul metálico, placas

AB-3213. Eu sei... Estou por dentro.

Buenas, meu chapa. A acrescentar, apenas — a bem da verdade — é que junto com o protesto do Barão (há um «complot» contra os ricos discretos, não é?) o meu palpito de que o Pato anda legal, táh! Continuando assim, ainda vai ficar um pato muito do macho.

Só que, para isso, precisa expurgar gente como o Teozoxim, o Von Seca, o Heurique V, o Jeffers, o Delmar, o Goida, o Croconilo, o Pacheco (orgulho de Viamão, ora!), Sérgio o Rosa, o Luigi, o MANERA e outros fajutos que não me ocorrem...

Mas, não há de ser nada. Com sorte — e apesar desses bichos — o Pato está caminhando. O que é bom. De resto, o que importa realmente é o tri que vem aí. Com rima e tudo.

WALTER IRGANG
— feliz e discreto proprietário de um Itamaraty, sim senhor.

PATO CONVOCADO PARA A SELEÇÃO

No próximo PATO, um bando total em noticiário dos jogos da seleção brasileira. O que você não lê nos jornais — as grandes fofocas, as safanagens de bastidores, o quente que os pequenos repórteres da grande imprensa passam longe — estará aqui em carne e osso, ou melhor, em tinta e papel, com nosso repórter BOB MASSAN, direto do Rio, pelo canal especial, exclusivo, especial, top-top secret. Pato 15, por incrível que pareça, quarta que vem em todas as bancas.

Olha aí: o que fizeram para o grupo que realizou o «trabalho dos balões» se chama sarfanagem. E da pior qualidade. A eliminação sumária de uma idéia que estava sacudindo os conhecimentos literários do júri e dos outros concorrentes (e com a concordância de ambas as partes, o que é mais deplorável), não é apenas um fato a ser julgado dentro dos limites do regulamento, mas para declarar uma guerrilha entre os mediocres e os caras que criam alguma coisa com o risco de avançar sobre o desconhecido. Eu tenho muitas coisas a ver com aquele trabalho e fico com raiva do tipo de estudante que pressionou o fechamento do concurso para aquela idéia. (Em tempo: o pessoal fez uma reunião na 3ª feira para deliberar sobre a entrega do «trabalho dos balões» para 3ª feira ou 4ª em última instância, e deliberou encerrar o recebimento dos trabalhos na 2ª feira que já tinha passado). Isto pode não dar galho, e nem criar problemas para as paradas eminências da arquitetura

gaúcha, mas é porcaria da grossa. Tenho muitas coisas com aquele trabalho, por que é aquilo que eu venho querendo fazer com mais um punhado de gente há muito tempo, e porque me envolvo com este tipo de especulação criativa com o amor que me envolvo nas coisas que acredito. Não acredito entanto em concursos onde jurados (estudantes) participam também dos concursos (como estudantes concorrentes que eliminaram esta rara ocasião de opor idéias novas ao marcial de porcaria que eles produzem como «arquitectura»). Concordo com a Cristina: ninguém mais devia nem sequer cumprimentar este tipo de gente. Estudante? De quê? De porcarquitectura, acho que é isso.

CLAUDIO FERLAUTO

**rádio
continental
1120 khz
o som nosso
de cada dia**

A SEGUNDA GRANDE COMPETIÇÃO DO PATO

«Em terra de cego, quem abrir uma fábrica de bengala fica rico».

Esse é um dos famosos antiprovérbios do Humberto Machado e é um exemplo do que nós queremos desta vez. Qual seja, dois pontos. Pegue um provérbio, ou uma máxima, ou um epigrama conhecido e de uma mexida nêle. «Quem têm boca vai ao dentista» (outro do Humberto, que por motivos óbvios está excluído da Competição). Moraram? Ainda se diz «moraram»? Entenderam? Toparam? Então trabalhem.

Agora, tem uma coisa. Aliás, duas. Em primeiro lugar não mande uma «Guerra e Paz», versão completa. Vamos estabelecer um número sensato, digamos 720 sugestões, como limite, OK? Segundo, mande em seguida! Muita gente deixou de competir na 1ª porque demorou muito para mandar seus trabalhos. A data limite é 14 de julho.

O primeiro prêmio continua sendo uma bolsa de estudos de inglês no INELI. O segundo prêmio não existe. Os perdedores podem se reunir na saída do INELI para vaiar o vencedor.

Para concorrer você deve recortar este cupom!

Cartas para José do Patrocínio 19



Olha o
que o

CORREIO RIOGRANDENSE

ANO 62 — CAXIAS DO SUL
Semana 10 a 17 de julho de 1971 — N.º 27

disse
de nós



patomacho

falou e disse

A GRANDE PICARETAGEM UNIVERSITÁRIA

Um Opala 0 km e salários atrasados
As verbas da Ford, onde estão?
26 mil dólares evaporaram.

Rogério Mandelaki, com a colaboração
de Clark Kent, conta os detalhes do
desvio de verbas da universidade de
Caxias do Sul.

"Patomacho" é um semanário descontraído, desinibido e geralmente humorístico, editado às quartas-feiras, em "off-set", na Capital do Rio Grande do Sul.

Em sua edição passada, o "Patomacho", como a maioria dos principais jornais brasileiros, ocupa-se de fatos relacionados com a Universidade de Caxias do Sul.

"Patomacho" dedica as suas duas páginas centrais (cujo "fac simile" publicamos nesta edição) a uma reportagem ilustrada sobre a questão da verba da "Ford Foundation" e outros assuntos ligados à UCS.

O título da matéria é "A Grande Picaretagem Universitária", e faz lembrar a frase latina tantas e tantas vezes usada: "Ridendo castigat mores".

A edição do "Patomacho" em referência esgotou-se rapidamente em Caxias do Sul e nova remessa estava sendo providenciada.

PATO MACHO N.º 14, 14 A 21 DE JULHO DE 1971

PATO MACHO CR\$ 1,00



Mário Gustavo posando de turista com duas belezocas inter-

nacionais; uma francesa e uma sueca.

PATOMACHO